

“ O Q U E I M A - L A T A ”
MIGRAÇÃO SAZONAL NAS USINAS AÇUCAREIRAS PAULISTAS

MARIA JOSE FERREIRA DE ARAUJO RIBEIRO

Orientadora : MARIA IGNEZ GUERRA MOLINA

Dissertação apresentada à Escola Superior de
Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Sociologia Rural.

P I R A C I C A B A

Estado de São Paulo - Brasil

Junho, 1978

.i.

Aos meus pais

Ao meu esposo

AGRADECIMENTOS

- Ao *Conselho Nacional de Pesquisas* que propiciou os recursos necessários para a realização do curso de Mestrado em Sociologia Rural.
- Ao *Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural da E.S.A. "Luiz de Queiroz"* - ESALQ/USP, pela acolhida e apoio recebidos.
- À *Fundação Ford* pela divulgação deste estudo.
- À *Professora Maria Ignez Guerra Molina*, orientadora deste trabalho pelas observações, críticas e sugestões além de constante estímulo para concretizá-lo.
- Ao *Professor José Albertino Rodrigues* pelas valiosas sugestões e comentários durante a elaboração e leitura dos originais.
- Ao *Professor Oriowaldo Queda* pela efetiva contribuição à elaboração e observações feitas à leitura dos originais.
- Ao *Professor José Molina Filho* pelo apoio recebido.

.iii.

- À *Professora Lucia Helena de Oliveira Gerardi*, do Instituto de Geo-Ciências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", pelas informações recebidas.
- Às colegas *Maria Inês Rauter Mancuso e Célia M. Marinho Rodrigues Ayres* pela discussão e sugestões a respeito de vários aspectos deste trabalho.
- Ao *José Dalmo Ribeiro Ribas* pela colaboração na coleta de dados.
- Ao *Francisco Raphael de Araujo Ribeiro* pelo apoio e contribuição dispensados em todo o decorrer do trabalho.
- Ao *Sr. Antonio Carlos Modesto de Macedo* pelo incansável auxílio na localização e apresentação aos informantes.
- À *direção das Agro-Indústrias Açucareiras* pela disponibilidade em fornecer informações.
- Aos *migrantes sazonais* por narrar suas experiências.
- À *Srta. Elenice Cazalata*, bibliotecária do Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural pela gentileza e solicitude de atendimento.
- À *Srta. Margareth P. Wagner* pela versão do resumo para o inglês.
- Aos *Srs. Lázaro Martins e Pedro Scárdua* pela impressão deste trabalho.

ÍNDICE

	<u>página</u>
1. RESUMO	1
2. INTRODUÇÃO	4
2.1. O Problema e sua Importância	4
2.2. Objetivos do Trabalho	8
3. ORIENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1. Migrações Internas - um aspecto do processo de mudança social	10
3.2. A Teoria dos Grupos de Referência	19
3.3. Os Grupos de Referência	24
3.4. Os Grupos de Referência e a Migração Sazonal.	30
4. A METODOLOGIA OPERACIONAL	37
4.1. Plano Geral de Coleta de Dados	37
4.2. Área de Estudo	38
4.3. Os Instrumentos de Coleta de Dados	40
4.4. A População	43
4.5. A Amostra	44
4.6. O Trabalho de Campo	44
4.7. Experiências para o Pesquisador no Trabalho de Campo	45
5. ORIGEM DOS MIGRANTES	52
5.1. Localização e Características Físicas	52
5.2. Principais Produtos Agrícolas na Economia desses Municípios	57

5.3. A Estrutura Agrária	59
5.4. As Relações de Trabalho	64
6. O PROCESSO MIGRATÓRIO SAZONAL NAS USINAS AÇUCAREI- RAS PAULISTAS	66
6.1. Os Movimentos Migratórios Sazonais no Brasil..	66
6.2. A Migração Sazonal nas Usinas de Açúcar Paulis- tas	71
6.3. Caracterização dos Migrantes	86
7. O TRABALHADOR "QUEIMA-LATA" NAS USINAS DE AÇÚCAR...	98
7.1. Novas Condições de Trabalho nas Usinas Açuca- reiras Paulistas	98
7.2. A Coesão do Grupo Migrante e a Preferência da Usina pelo seu Trabalho	104
7.3. A Estrutura Comparativa de Referência e a Manu- tenção do Padrão Migratório Sazonal	110
8. CONCLUSÕES	136
9. SUMMARY	140
10. LITERATURA CITADA	143
11. APÊNDICES	148

LISTA DE QUADROS

<u>quadro</u>	<u>página</u>
1 - Número e área dos estabelecimentos por estratos de área - Regiões Fisiográficas da Bahia, 1960.	62
2 - Número de trabalhadores provenientes de Minas Gerais e Estados Nordestinos contratados pela Usina Iracema e Fazenda Aparecida de 1960 / 1972.	73
3 - Naturalidade e Estados de procedência de trabalhadores contratados pela Usina Iracema no início da safra, no período de 1960 a 1972...	75
4 - Procedência e número de trabalhadores novos e readmitidos no início da safra. Período 1960 a 1972.	77
5 - Procedência e número de admissões por pessoa na Usina Iracema 1960/1972.	79
6 - Idade Média e Classes Modais de Idade dos Migrantes na primeira contratação 1960/1972....	80
7 - Estado Civil dos Migrantes por Procedência...	80

LISTA DE APÊNDICES

<u>apêndice</u>		<u>página</u>
1	- Mapa situando os principais municípios de origem dos Migrantes	148
2	- Questionário	150
3	- Dados sobre a propriedade na região de origem	155

1. RESUMO

O presente estudo identificou processos migratórios sazonais em Usinas Açucareiras Paulistas, onde os migrantes exercem atividades no processo de fabricação, contratados especificamente para o período de safra. Focalizou a inserção desses trabalhadores em estruturas produtivas distintas, a pequena propriedade na região de origem, a Usina de Açúcar na de destino e o caráter de trabalho suplementar que os mesmos atribuem às atividades nesta última estrutura.

Procurou evidenciar as condições da estrutura social que proporcionam e contribuem para a formação e manutenção desses movimentos populacionais, e também a organização grupal que seus integrantes criaram em demanda às oportunidades de trabalho em São Paulo.

Utilizando a Teoria de Grupos de Referência, explicitou como os fatores que limitam a absorção e permanência dos migrantes, tanto nas áreas de origem quanto nas de desde

tino, são percebidos e interpretados a nível individual e grupal.

A coesão e o sentido de pertencer à "nação baiana" que estes grupos apresentam motivam sua caracterização diferenciada ante o conjunto de trabalhadores da usina, generalizando-se a denominação "queima-lata" para identificar o migrante sazonal.

Vivendo em uma estrutura produtiva incapaz de preencher suas necessidades, os grupos de "queima-latas" aceitam o prolongamento da jornada, e o ritmo intensivo de trabalho que a Usina impõe aos trabalhadores durante o período de moagem. Afigura-se-lhes o trabalho assalariado nas Usinas a maneira mais rápida e viável para obter os recursos necessários a sua manutenção como categoria de trabalhador independente, ou sem necessidade de "trabalhar alugado" o tempo todo na região de origem.

A comprovação da incidência desses movimentos migratórios foi feita a partir de levantamento de dados junto a três Usinas, situadas nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto. Estes dados permitiram concluir sobre a existência de grupos que criaram um padrão migratório sazonal, sendo seus integrantes todos do sexo masculino, provenientes sobretudo dos municípios baianos de Itaberaba, Ipirá, Iaçú e Livramento do Brumado. Estes foram caracterizados quanto a seus aspectos

físicos, estrutura agrária e relações de trabalho dominantes.

Os dados referentes à população de migrantes sazonais das três usinas foram obtidos mediante formulários e entrevistas gravadas.

2. INTRODUÇÃO

2.1. O problema e sua importância

O fenômeno migratório, em especial os fluxos migratórios do Nordeste para o Centro-Sul, tem assumido no país tamanha intensidade que frequentemente atrai a atenção de estudiosos, de autoridades e serviços públicos.

Em época recente a preocupação com a intensidade e o volume de tais fluxos ampliou-se, tornando-se comum associar migração e marginalidade. Ante o problema, algumas autoridades defendem medidas de proibição à vinda de novos migrantes, notadamente para metrópoles como São Paulo, entendendo que o afluxo de novos contingentes contribuirá para agravar ainda mais os já precários serviços de transporte, melhoramentos básicos, habitação, etc.

Este estudo afasta-se, entretanto, de tais considerações pois visa descrever e analisar fluxos migratórios

periódicos provenientes de Minas Gerais, Bahia e outros estados nordestinos em direção a São Paulo, atraídos, no período de safra, pelas usinas de cana-de-açúcar para desempenhar tarefas no próprio setor de fabricação do produto. Ao término da safra (novembro a dezembro) retornam em sua grande maioria à região de origem, em tempo hábil de se dedicar às tarefas de um novo ciclo agrícola. Os recursos adquiridos com o trabalho assalariado vão suplementar sua receita anual.

Tal fenômeno, de um lado se apóia na heterogeneidade de ciclos das culturas agrícolas nas várias regiões do país, o que possibilita essa complementariedade de tarefas por outro lado pode formar, ampliar-se e manter-se, baseado na persistência de condições da estrutura agrária caracterizada pela concentração da terra e da renda.

É importante pois demonstrar o fenômeno das migrações sazonais como parte do processo de mudança em curso na sociedade, e dentro desse processo, como certos grupos se empenham em exercer em certa época do ano um trabalho assalariado em ritmo intenso para se manterem na categoria de trabalhadores independentes, ou com um certo grau de independência, durante o outro período. O fato em questão é a repetição, a nível inter-regional, do já assinalado por Manoel Correia de Andrade ao identificar em Pernambuco, a transferência de pequenos proprietários do Sertão para a Zona da Mata, os

"catingueiros ou corumbas" durante a safra de cana-de-açúcar. (ANDRADE, 1973 - p. 127 a 129).

Referências ao assunto são também estabelecidas em um estudo sobre a localidade de Brumado na Bahia, o qual descreve ser comum o fato de grupos de 10 a 12 pessoas deixarem a região em demanda a São Paulo ou Paraná, tomando parte na colheita e retornando a sua região de origem em tempo de cultivar suas próprias lavouras. (LOPES, 1972, p.63).

Bosco e Jordão Neto consideram que os movimentos migratórios que se originam nos estados nordestinos, obedecem a uma flutuação mensal constante. A periodicidade das migrações relaciona-se com o ciclo vegetativo das culturas no Estado de São Paulo, acentuadamente nos primeiros meses do ano, período de colheitas de arroz, algodão e feijão. O posterior retorno ao local de origem, também foi objeto de atenção desses autores que salientam a importância de estudos acerca das Migrações Internas. (BOSCO e JORDÃO NETO, 1967, p. 40).

Empiricamente, verificou-se que se pode estender essa relação ao período de safra de cana-de-açúcar e que os migrantes que se destinam a tal tipo de trabalho vem em grupos, dirigindo-se diretamente às usinas onde já trabalharam em anos anteriores, ou integrando turmas contratadas na região de origem por intermediários dessas empresas.

O problema específico que se coloca neste estudo é pois, o da intensiva utilização de mão-de-obra migrante nas atividades de fabricação do açúcar e do porque de sua não fixação após o término do contrato de trabalho.

Por outro lado, este processo migratório uma vez iniciado, tende a adquirir regularidade baseando-se também em normas e valores comuns aos integrantes dos grupos migratórios ou ainda em novos padrões desenvolvidos por estes nos meses em que se mantêm em estreita convivência. Estes grupos formulam uma estrutura de referência em relação a outros grupos com os quais interagem no decorrer do processo migratório passando a orientar suas decisões de retorno ou fixação de conformidade com esta. Neste sentido, a utilização de uma teoria de médio alcance como a de Grupos de Referência, conforme a proposta por MERTON (1970) se afigurou profícua por possibilitar a identificação dessa estrutura de referências junto aos grupos migrantes.

Acredita-se que um estudo de grupos migrantes, em sua região de origem e na de destino, é importante no sentido de preencher uma lacuna nos estudos sistemáticos sobre migração. Pode-se dizer também de sua importância no sentido de iluminar todo um contexto de idéias, crenças e valores que continuam operando como uma "expectativa internalizada" na mente das pessoas orientando suas ações no sentido de migrar

ou permanecer. (GERMANI: 1971, p. 132).

Na tentativa de explicação do porque da não fixação se deseja enfocar os condicionantes do processo migratório, sob o enfoque histórico estrutural destacando-se aspectos da estrutura social que incluem as relações sociais de produção, ou seja a estrutura produtiva onde se inserem os grupos analisados, tanto na região de origem como na de destino.

2.2. Objetivos do Trabalho

2.2.1. Estudar o processo migratório sazonal, focalizando a inserção de trabalhadores em estruturas produtivas distintas, na região de origem, a pequena propriedade; na região de destino, a agro-indústria açucareira.

2.2.2. Ao iniciar-se os trabalhos de pesquisa colocou-se um novo objetivo, testar a adequação da Teoria de Grupos de Referência ao estudo da migração sazonal. Pretende-se com o emprego desta, a melhor compreensão do comportamento dos migrantes a nível individual e grupal, ou seja, como se traduzem a este nível os aspectos estruturais que determinam, em primeira instância, os movimentos migratórios.

2.2.3. Detalhar como certos mecanismos concernentes à formação e manutenção de grupos (formas de solidariedade e co

esão social, relações de autoridade, etc.) atuam no sentido de orientar respostas adaptativas, quando grupos provindos do meio rural se defrontam com solicitações da civilização urbana.

2.2.4. Identificar novas formas de contrato de trabalho e recrutamento de mão-de-obra que se desenvolvem em correspondência ao sistema produtivo sazonal, específico da agroindústria açucareira.

2.2.5. Descrever a atividade dos migrantes nas usinas, considerando: a divisão de trabalho, a duração da jornada de trabalho, a intensidade do ritmo de trabalho, a significação para os mesmos da participação num regime de trabalho regulamentado pelas leis trabalhistas.

2.2.6. Caracterizar os principais municípios fornecedores de mão-de-obra sazonal para outras regiões do país.

3. ORIENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Migrações Internas - um aspecto do processo de mudança social

A preocupação inicial deste capítulo é situar as migrações internas como um aspecto do processo geral de mudanças que caracteriza a passagem de uma estrutura social agrária a uma industrial. Em decorrência desse processo, a divisão do trabalho que se verifica a nível internacional entre países industrializados e países produtores de matérias primas, se efetiva também a nível intra-nacional. A este rearranjo na organização das atividades produtivas seguem-se, via de regra, redistribuições da população dentro da sociedade.

Neste sentido, é que antes da década de 20 grandes contingentes populacionais deslocaram-se para a Amazônia, atraídos pela exploração da borracha. Após a crise da borracha os fluxos migratórios passam a se encaminhar para os esta

dos de São Paulo e Rio de Janeiro em demanda de oportunidades de trabalho nas indústrias da região, ou pela expansão da fronteira agrícola no Estado do Paraná.

"É claro que qualquer processo de industrialização implica numa ampla transferência de atividades (e, portanto, de pessoas) do campo às cidades. Mas, nos moldes capitalistas, tal transferência tende a se dar a favor de algumas regiões em cada país, esvaziando as demais". (SINGER: 1975, p. 37).

A acentuação dessas desigualdades regionais pode ser vista como o motor principal das migrações internas que se efetivam com a industrialização em bases capitalistas.

A partir do processo de industrialização várias atividades manufatureiras, que eram feitas em conjunto com atividades agrícolas, são desvinculadas destas, passando a ser realizadas de forma especializada em estabelecimentos espacialmente separados. A industrialização de um sítio urbano tende portanto, a atrair populações de áreas geralmente próximas e o crescimento de uma cidade torna-a cada vez mais importante para bens e serviços.

Assim, "as regiões favorecidas não cessam de acumular vantagens e os efeitos da difusão do progresso se fazem sentir num âmbito territorial relativamente acanhado. A

população das áreas desfavorecidas sofre, em consequência, um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se de seus frutos". (SINGER: 1975, p. 38).

Estas regiões desfavorecidas podem assumir um duplo papel ou se especializam na produção de matérias primas reproduzindo então, a nível interno a dicotomia desenvolvidos x subdesenvolvidos, ou permanecem dedicadas à produção para subsistência com poucos excedentes para serem colocados no mercado. Dadas estas condições aos habitantes destas áreas apresentam-se poucas alternativas de permanência desde que o nível de vida permanece baixo, restringindo-se as oportunidades culturais e econômicas. Caracterizam-se como locais de expulsão de população para as áreas dinâmicas da economia.

SINGER (1975) ressalta a importância da diferenciação entre as áreas de expulsão que sofreram a influência de fatores de mudança e as em que atuam os fatores de estagnação. As primeiras perdem população em consequência da introdução de relações de produção capitalistas. Nestas, se verifica a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores sem terra, objetivando-se um aumento da produtividade e a consequente redução do nível de emprego. Este aumento na produtividade deve acarretar também uma melhoria nas condições de vida locais dependendo esta

da possibilidade de se instituir novos mecanismos de distribuição da renda.

Já as áreas submetidas aos fatores de estagnação caracterizam-se por:

"... uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável, como pela monopolização de grande parte das mesmas pelos grandes proprietários." (SINGER: 1975, p. 38).

Estas regiões pelas condições de estagnação e mesmo deterioração das condições de vida apresentam-se, comumente, como autênticos viveiros de mão-de-obra para os latifúndios e grandes explorações capitalistas. Originam-se nestas, importantes fluxos migratórios sazonais que se deslocam periodicamente para outras áreas agrícolas, onde participam de colheitas, retornando ao término destas.

"Como parte da estrutura agrária altamente concentrada nas áreas rurais 'velhas', de baixa produtividade, o trabalhador não chega a perceber as forças que dali o repelem, surgindo pelo contrário ao nível de sua consciência as de atração no anseio de trocar a meiação pelo salário na migração para São Paulo." (LOPES: 1972, p. 52).

A seguinte colocação de Ianni elucidada aspectos das relações de complementariedade e interdependência que se estabelecem entre os setores industrial e agrário.

"Devido à potenciação diferencial da força de trabalho (na indústria e na agricultura) e devido às práticas monopolistas controladas pelos grupos econômicos (nacionais e estrangeiros), sediados nos centros urbanos, o intercâmbio econômico entre o setor agrário e o setor industrial resulta numa troca de desiguais.

Na verdade, a própria divisão social do trabalho se desenvolve em graus diferentes (quando se compara a indústria e a agricultura), favorecendo a potenciação da força de trabalho operária. A dependência da produção agrícola face às condições naturais (estações, chuvas, climas, etc.) estabelece limites ao ritmo de reprodução do capital agrário. Na prática, o proletariado rural trabalha maior número de horas que o operário, para adquirir o produto do trabalho deste produzido com menos quantidade de força de trabalho." (IANNI, 1973, p.187).

Por outro lado, os fatores de atração determinam os locais para onde se dirigem os fluxos migratórios. Destes fatores o mais importante consiste na demanda por mão de obra, criada não só por empresas industriais como pelos setores de prestação de serviços e ainda por empresas rurais que

se dedicam ao cultivo de produtos de alto valor comercial, tanto no mercado interno como para o externo. Ainda reportando-se aos movimentos populacionais como resultantes do processo de mudança social LOPES ressalta que:

"É necessário porém aprofundar mais a nossa compreensão desses movimentos de população, particularmente da sua intensidade crescente e das direções que agora toma. Nesse sentido é preciso ver serem suas pré-condições o desenvolvimento agrícola e industrial do Centro-Sul, a necessidade de mão-de-obra nessa região, as estradas e meios de transportes criados como parte da integração do sistema industrial em escala interregional, a intensificação das comunicações por ele propiciadas." (LOPES, 1972, p.57).

As considerações acima resumidas possibilitam evidenciar diferentes tipos de processos migratórios, analisá-los interrelacionando-os com outros processos globais, apreender como estes se formaram e modificaram ao longo do processo de transformações na sociedade.

Nos aspectos referentes ao presente estudo, sua importância se traduz na medida em que permite a caracterização das áreas onde se originam fluxos migratórios sazonais, e o estabelecimento de interrelações entre estas e as áreas dinâmicas da economia, ou seja, as áreas de atração dos mesmos, no caso presente algumas usinas açucareiras paulistas.

Estudando-se os movimentos migratórios sazonais e seus integrantes como participantes de duas estruturas produtivas basicamente distintas, a pequena propriedade na região de origem e a agro-indústria açucareira na região de destino, analisar-se-á as múltiplas relações estabelecidas pelos mesmos nessas duas situações.

Nesse ponto, faz-se necessário definir os conceitos de estrutura social e estrutura produtiva a serem utilizados.

"A estrutura social formada pelas relações sociais de produção que constituem a estrutura produtiva, e pela estrutura de dominação na qual grupos e classes sociais impõem seus projetos econômicos e o curso do desenvolvimento da sociedade a outros grupos e classes sociais."(ARGUELLO, 1975 , p.36).

Por sua vez considera-se que a estrutura produtiva não inclui apenas a estrutura ocupacional, mas todo o conjunto de relações sociais de produção que caracteriza um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas.

"Entendida desta forma a estrutura produtiva inclui não somente o referido a diferentes avanços dos setores econômicos, suas possibilidades ocupacionais, o grau de qualificação dos recursos utilizados, senão que também refle-

te em seu interior o tipo de relações de dominação e os impactos das ideologias legitimadoras traduzidas em normas e valores que regulam a produção." (ARGUELLO, 1975, p.49).

Comentando a teoria que deve orientar o estudo das migrações internas, esse autor refere que a investigação empírica requer proposições básicas e se poderá estabelecer leis particulares no comportamento dos fluxos migratórios.

"Isto ajudará a conhecer o processo da sociedade global e enriquecerá sem dúvida, o desenvolvimento da teoria geral; porém isto deve ser considerado como avanços dentro da teoria da mudança social, a qual além de apreender os aspectos estruturais não deve esquecer a mediação de variáveis individuais." (ARGUELLO, 1975; p.34).

Outros autores reportam-se também a esta problemática, "nas investigações não se vinculou até agora os elementos de caráter estrutural com os individuais. Assim, por exemplo, em vários estudos se outorga uma clara preponderância a elementos econômicos de caráter estrutural para explicar as causas da migração, elementos que na literatura sociológica ou demográfica não chegam a ser incorporados quando se faz referência às causas da migração através das motivações individuais." (MUNOZ e OLIVEIRA, 1972, p.5).

Em apreciações acerca de estudos sobre migra-

ção realizados na América Latina assinala-se que: "os estudos concretos se limitaram na maioria das vezes a nível de análise psico-social, sem tratar de analisar os valores, atitudes e comportamentos dos atores dentro do quadro estrutural que os possibilita e condiciona." (OLIVEIRA e STERN, 1971,p.32).

Outra ordem de crítica às tentativas de explicação das causas das migrações através das verbalizações dos migrantes é feita por SINGER. "Quando se deseja investigar processos sociais, as informações colhidas numa base individual conduzem, na maioria das vezes, a análises psicologizantes em que as principais condicionantes macro-sociais são desfiguradas quando não omitidas." (SINGER, 1975, p.51).

Observa-se através das citações acima que ora as análises permanecem num plano demasiadamente geral, restringindo-se aos fatores estruturais que atuam como causa das migrações, ora se particularizam, destacando essencialmente , os aspectos psico-sociais dos indivíduos envolvidos no ato de migrar.

A busca de explicações para o padrão migratório sazonal desenvolvido por grupos de indivíduos, ao nível dos condicionantes macro-sociais possibilita a compreensão das migrações como uma decorrência do processo de mudança social. Entretanto, para a visualização de como se traduzem as motivações individuais nesse contexto, buscaram-se formas com

plementares de orientação no enfoque da Teoria de Grupos de Referência.

Necessário se torna a seguir uma sistematização dos principais aspectos da Teoria dos Grupos de Referência, tal como é proposta por MERTON, detalhando-se também as formas pelas quais se fará uso dessa orientação teórica para a análise do problema em questão.

3.2. A Teoria dos Grupos de Referência

MERTON destaca a importância do conceito de Grupos de Referência na Teoria Sociológica com sua ênfase sobre "a estrutura e a função dos ambientes sociais onde estão localizados os indivíduos." (MERTON, 1970; p.363). Este autor, através da colocação de que há um tráfego mútuo de ida e volta entre a teoria social e a pesquisa empírica, interpretou os dados coletados por STOUFFER e outros a respeito do soldado americano na Segunda Guerra Mundial, os quais estão contidos na série intitulada The American Soldier. De tal trabalho resultou seu conhecido desenvolvimento da Teoria dos Grupos de Referência.

Nos volumes que compõem "The American Soldier, não se emprega o termo grupos de referência, restringindo-se os autores ao emprego do conceito de privação relativa que funciona como uma variável interveniente na análise das situa

ções privacionais motivadas pelas condições de guerra. MERTON entretanto, assinala passagens onde aqueles deixam claro a correspondência deste conceito com outros conceitos sociológicos.

"A idéia da privação relativa, é simples, quase óbvia, porém sua utilidade se manifesta para reconciliar dados, especialmente nos últimos capítulos nos quais sua aplicabilidade não é a princípio muito aparente. Poderia parecer que a idéia tem parentesco, e em parte incluiria tais conceitos sociológicos bem conhecidos como estrutura social de referência; padrões de expectativa ou definições da situação." (MERTON, 1970; p. 308).

O conceito de privação relativa não é formal e precisamente definido no texto de The American Soldier. Em lugar de uma definição explícita do conceito, MERTON e ALICE ROSSI compilaram situações, através das quais, era possível determinar suas concepções. Ressaltaram o caráter operacional do mesmo, ao contribuir para interpretar resultados que de outra forma permaneceriam anômalos. O conceito de privação relativa surge, então, como uma variável interpretativa visando estabelecer consistência entre os dados obtidos.

"A sensação de perda por parte de uma pessoa com relação aos ganhos obtidos por outras pessoas do seu grupo." (ABEL, 1972; p.162).

O parágrafo seguinte versa sobre um dos itens enumerados em The American Soldier e ilustra esta utilização: o homem casado convocado comparando-se com seus companheiros solteiros do exército, ele podia sentir que a convocação exigia dele um sacrifício maior que dos solteiros. Comparando-se com seus amigos civis casados e não convocados, ele podia sentir que tinha sido chamado a fazer sacrifícios dos quais outros tinham conseguido isentar-se.

Em argumentação subsequente, MERTON destaca: "... o casado (variável independente) questiona com mais frequência a legitimidade de sua convocação (variável dependente) porque ele avalia a situação dentro da estrutura de referência (variável interpretativa) proveniente da comparação dele mesmo com outros homens casados que ainda estão na vida civil, que escaparam completamente ao recrutamento ou com homens solteiros que estão no exército, cuja convocação não exigiu deles um sacrifício comparável." (MERTON, 1970, p.310).

O conceito de privação relativa torna compreensível a definição subjetiva da situação de alguém que reage em função de sua posição relativa a outros indivíduos.

Outra decorrência da análise evidenciou dois tipos de situações, aquelas em que os indivíduos tomam como base de referência a situação das pessoas com as quais estão em interação direta - o intragrupo; aquelas em que a estru-

tura de referência é suprida pela categoria social das pessoas os extra-grupos.

Resulta desta constatação uma questão primordial para a teoria dos grupos de referência, qual seja:

"... em que circunstâncias os membros do grupo a que se pertence são tomados como estruturas de referência para a auto-avaliação e a formação de atitude, e sob que circunstâncias os membros de outros grupos fornecem a estrutura de referência significativa?" (MERTON, 1970, p.313).

O conceito de privação relativa é considerado um conceito especial na teoria dos grupos de referência, a qual é mais ampla pois não se restringe aos casos caracterizados pelo sentido de privação, abrangendo tipos positivos de orientação tais como a desejabilidade de unir-se a um grupo, cujos valores são positivamente apreciados.

A inovação introduzida pela teoria dos grupos de referência consiste pois na consideração de que os homens se orientam por grupos que não os seus próprios ao moldar seus sentimentos e suas avaliações, bem como o fato de objetivar explicar os problemas ligados a essa orientação em relação a grupos estranhos. Tais considerações, se bem que constituam uma parte importante da teoria, não excluem as orientações para o intra-grupo, ou seja, a determinação grupal do

comportamento.

Neste sentido, MERTON critica a concepção do intra-grupo proposta por SUMNER, segundo a qual todos os grupos aos quais o indivíduo pertence apresentam as características do intra-grupo, isto é, coesão interna e hostilidade externa. Devido ao estágio inicial de desenvolvimento da disciplina, SUMNER generalizou tais atitudes do intra-grupo, descrevendo um caso especial como geral.

A teoria dos grupos de referência, que reconhece as orientações para grupos aos quais os indivíduos não pertencem, reformula essa concepção, considerando que intra-grupos e extra-grupos são frequentemente subgrupos dentro de uma organização social mais ampla e sempre são potencialmente assim, já que uma nova integração social pode abranger grupos previamente separados.

MERTON apresenta três implicações decorrentes da re-análise dos achados empíricos de The American Soldier, no contexto da teoria dos grupos de referência:

a) uma nova forma de interpretação desses dados; b) implicações que levam a uma ligação das teorias de grupos de referências com hipóteses da Sociologia Funcional; c) os padrões de conformidade e mobilidade que caracterizavam os soldados norte-americanos na Segunda Guerra Mundial podem ser generaliza-

dos para os padrões mais aparentemente díspares de comportamento tais como abandono do próprio grupo, renegação, ascensão social, etc.

O estabelecimento de generalizações sobre colocações no reexame de dados elaborado por MERTON possibilitou-lhe concluir que aquelas não se apresentavam como formas não relacionadas de comportamento social, mas como manifestações concretas de padrões subjacentes de comportamento de grupos de referência.

3.3. Os Grupos de Referência

O Conceito Sociológico de Grupo

MERTON ao tratar dos problemas que envolvem a determinação grupal do comportamento assim como os da referência em relação a grupos que não o seu próprio, julga útil esclarecer o conceito de grupo considerando que a expressão já consagrada "grupo de referência" tem algo de inapropriado, - pois é aplicada não somente a grupos, mas a indivíduos e a categorias sociais.¹

¹ DAHENDORF (1974, p.63) enfatiza que o conceito de grupo é usado num sentido muito vago quando se fala de grupos de referência. Este autor julgaria adequado o termo "complexos de referência."

O conceito sociológico de grupo refere-se a um número de pessoas que interagem umas com as outras de acordo com padrões consagrados. Um segundo critério é que as pessoas que estão em interação definem a si como membros. Terceiro, considera-se que são definidas por outras como pertencendo ao grupo, sendo estas outras componentes do mesmo grupo e pessoas estranhas ao mesmo.

A categoria social diferencia-se tanto das coletividades como dos grupos na medida em que é representada por agregados de situações sociais cujos ocupantes não estão em interação social. Estes possuem características semelhantes de sexo, idade, estado civil, rendimento, etc. "mas não são necessariamente orientados em relação a um corpo de normas distintivo e comum." (MERTON, 1970, p.85).

Tipos de Grupos de Referência

Costuma-se classificar os grupos de referência em dois tipos principais: o normativo que estabelece e mantém padrões para o indivíduo, o comparativo que propicia uma estrutura de comparação relativa em razão da qual o indivíduo se avalia a si próprio. Outro aspecto relevante para a teoria sociológica liga-se a questões, tais como: "quais condições estruturais da sociedade favorecem muita ou pouca conduta comparativa de referência? Os intra-grupos e extra-grupos se

distinguem enquanto servem as funções comparativas e normativas?" (MERTON, 1970, p.368).

Depreendeu-se da análise da teoria dos grupos de referência alguns problemas como: o conceito de não filiação não se refere a uma categoria homogênea, mas envolve espécies de não filiação e de atitudes para com ela. Neste sentido se trata tanto das atitudes de membros do grupo ao qual o indivíduo deseja filiar-se, como das atitudes do próprio indivíduo em relação a filiação.

O autor formula hipóteses sobre as condições que influenciam a seleção de grupos como quadros de referência, por exemplo, sistemas sociais com taxas relativamente altas de mobilidade social tendem a favorecer a orientação em relação a grupos dos quais os indivíduos não são membros, enquanto que taxas baixas de mobilidade tendem a conduzir as orientações para o intra-grupo, reforçando, portanto, sua capacidade integrativa.

À luz da Teoria dos Grupos de Referência, o conformismo e o não conformismo adquirem novo significado expressando-se, por exemplo, que o não conformismo é em geral resultante da orientação positiva no sentido dos valores de um grupo do qual não se é membro.

A socialização antecipatória ou seja a adoção

dos valores de um grupo ao qual se aspira, pode servir a duplas funções: auxiliar sua ascensão dentro do grupo e facilitar seu ajustamento ao se tornar um membrò efetivo.

Outro encadeamento de pesquisa empírica e teórica é sugerido a partir da consideração dos dados referentes aos contextos grupais de assimilação de valor. O problema é sob que condições se verificam avaliações alteradas por grupos inteiros de estratos sociais, caracterizando o que se denomina "falsa consciência". Relacionando-se tal colocação com a teoria em análise, MERTON questiona se este fenômeno ocorreria principalmente quando os membros do grupo identificam seu destino com o de outros grupos não expressando mais fielmente seus valores e interesses. Dentro de qual contexto da estrutura social ocorre tal distorção dos valores do grupo e em que condições se patenteiam reações mais apropriadas à situação.

Outra característica da análise efetuada por MERTON é "sua prática coerente de colocar suas descobertas no contexto do pensamento sociológico passado e presente, acentuando assim sua continuidade" (ABEL, 1972, p.168). Tal orientação vai de encontro aos postulados da Sociologia do Conhecimento, que visa situar o conhecimento sociológico no contexto social em que se originou. Desta forma, MERTON destaca que os primeiros estudos em que se empregou o conceito de grupos de referência diziam respeito aos processos de assimilação de

migrantes, clara circunstância em que há alusão à cultura dos extra-grupos . Tal ênfase baseou-se na chegada aos Estados Unidos de grandes contingentes migratórios.

Nesta linha de orientação, outro problema colocado é o "do crescente interesse sociológico na mobilidade entre as classes sociais e na falsa consciência" pela qual os homens se identificam com as classes 'às quais não pertencem' o que parece ser em parte uma reação à discussão aberta das classes e a um sentido possivelmente reforçado da luta de classes. (MERTON, 1970, p.363).

Encerrando esse resumo das principais contribuições da Teoria dos Grupos de Referência deseja-se citar uma colocação de MERTON a respeito de "The American Soldier". "Os grupos de referência aqui considerados por hipótese não são portanto, simples artefatos do arbitrário esquema de classificação dos autores. Ao invés, aparecem como sistemas de referência usados em comum por uma proporção de indivíduos dentro de uma categoria social suficientemente grande para originar definições de situações características daquela categoria. E tais sistemas de referências são comuns porque estão moldados pela estrutura social." (MERTON, 1970, p.324)..

Estabelecendo-se um paralelo entre essas colocações do autor e o problema de pesquisa apresentado, deseja-se explicitar no fenômeno da migração sazonal, os esquemas de

referência utilizados pelos grupos que desenvolveram esse padrão de migração temporária, e como estes atuam no sentido de manter o padrão estabelecido. Ao mesmo tempo se deseja evidenciar as condições da estrutura social que proporcionaram e contribuem para a manutenção desses movimentos populacionais.

Cumprе destacar ainda a característica de teoria de médio alcance que MERTON assinala à teoria dos grupos de referência. Salienta que: "as teorias de médio alcance não são derivadas de um sistema único e total de teorias. São representadas por conjuntos limitados de pressupostos dos quais se derivam logicamente hipóteses específicas confirmadas pela investigação empírica." (MERTON, 1970, p.79).

Neste sentido se propõe a utilização da teoria dos grupos de referência conjuntamente com a abordagem histórico-estrutural. Acredita-se que este recurso contribuirá para a colocação do problema em estudo sob um novo ângulo, salientando-se aspectos referentes à formação e manutenção de grupos.

Tal posição liga-se ainda à tentativa de se atingir o que esse autor designa ao sociólogo "o objetivo do sociólogo deve ser o de apresentar lucidamente os temas de proposições logicamente interligadas e empiricamente confirmadas, a respeito da estrutura social e suas mudanças, do comportamento humano dentro dessa estrutura e das consequências

desse comportamento." (MERTON, 1970, p.81).

3.4. Os Grupos de Referência e a Migração Sazonal

DAHRENDORF utilizando a teoria dos grupos de referência demonstra que esta contribui para a clarificação do conceito de papel. Assim, se um grupo de referência é definido "como um grupo com o qual uma pessoa tem uma relação necessária em virtude de uma de suas posições sociais, podemos afirmar que todo segmento de posição estabelece uma relação entre o ocupante da posição e um ou mais grupos de referência." (DAHRENDORF, 1973, p.62).

Desta forma é que se pretende analisar o grupo de migrantes sazonais, procurando enfocar as diferentes posições que ocupam na região de origem e na de destino e como esses segmentos de posição se ligam a diferentes grupos de referência. Caracterizar os grupos de migrantes e os vários outros grupos com os quais estão em interrelação frente aos quais formulam, definem e sancionam avaliações e expectativas de papéis.

MERTON cita estudos experimentais em que a teoria de grupos de referência foi utilizada, proporcionando ao investigador os contextos de referência para analisar as reações dos entrevistados frente aos mesmos. Com base nestas experiências e também em contatos anteriores que foram estabe

lecidos com os grupos de migrantes, procurou-se formular um contexto de referências que possibilitasse a compreensão dessa uniformidade de comportamento que os caracteriza, ou seja, o caráter transitório da migração.

Tal esquema envolve as seguintes considerações:

- o grupo de migrantes que vêm e retornam todos os anos constitui o intra-grupo, o qual será estudado em suas interrelações com os seguintes extra-grupos.

a) os migrantes que vieram e se fixaram em São Paulo.

b) os trabalhadores que nunca saíram da região de origem.

c) os grandes proprietários de terra nas regiões de origem.

d) os trabalhadores naturais de São Paulo nas mesmas funções na agro-indústria.

e) a direção e os demais empregados da empresa na região de destino.

Em outros termos, o intra-grupo é o *grupo de referência normativo*, enquanto que os demais são *grupos de referência comparativos*. Recorrendo-se ao conceito de privação relativa, procurar-se-á evidenciar como os componentes do intra-grupo avaliam a sua situação comparativamente a dos indivíduos que integram os outros grupos citados acima. O quadro

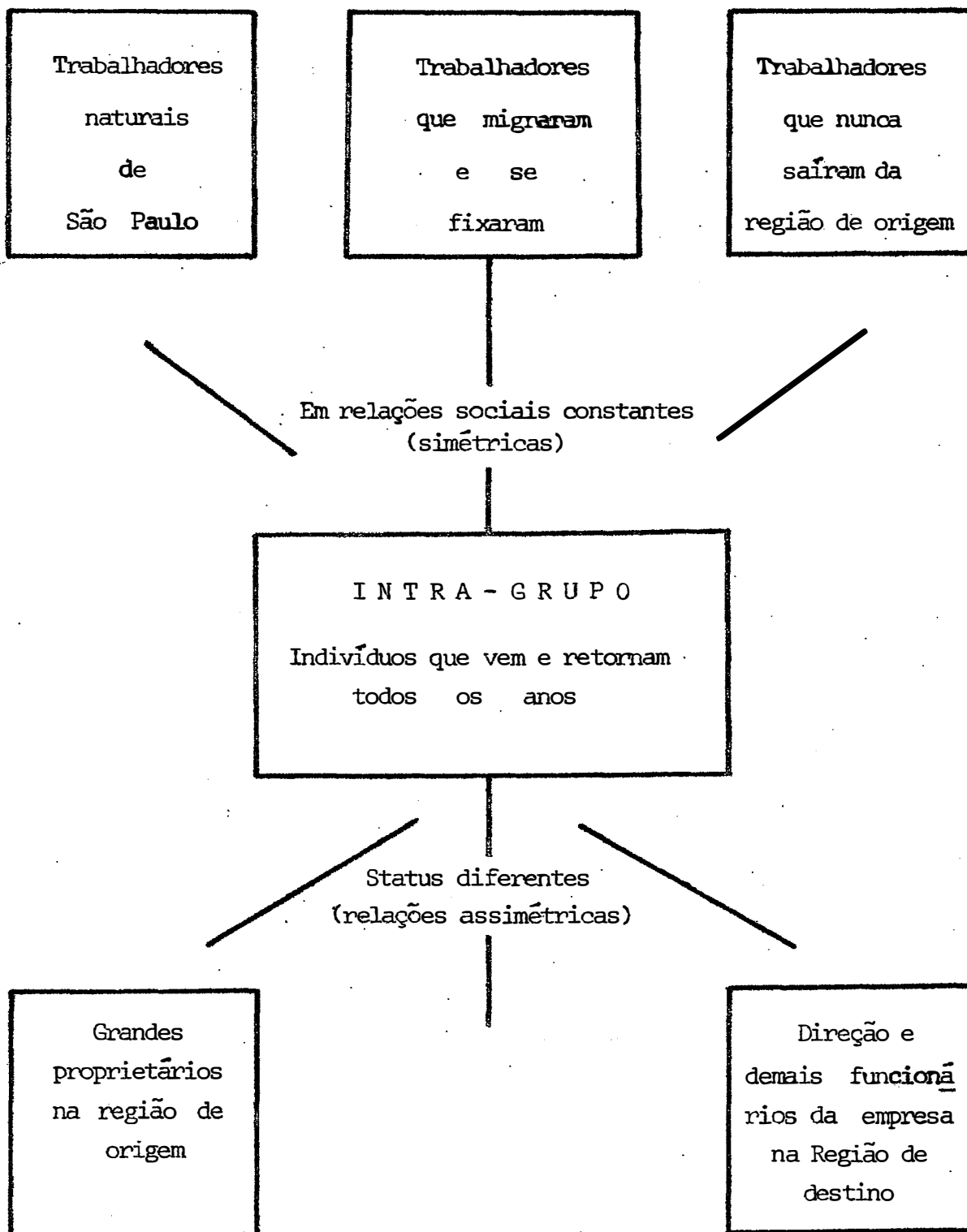
da página seguinte reproduz graficamente esse contexto de referência.

A opção entre fixar-se em São Paulo ou retornar à região de origem será estudada em situações ante as quais o migrante se julgue mais ou menos privado em relação às aquelas apresentadas pelos outros grupos que compõem o contexto de referência.

Relembrando uma colocação já feita: "*o conceito de privação relativa torna compreensível a definição subjetiva da situação de alguém que reage em função de sua posição relativa a outros indivíduos*", é necessário que se explique esta definição subjetiva da situação e, conseqüentemente, a conduta comparativa de referência. Para tanto, introduzir-se-á uma construção teórica que, embora tenha sido elaborada para um outro contexto, afigurou-se adequada à análise em questão, ou seja: "... a esperança subjetiva que conduz um indivíduo a se excluir, depende diretamente das condições determinadas pelas oportunidades objetivas de êxito próprias a sua categoria, de modo que ela se inclui entre os mecanismos que contribuem para a realização das probabilidades objetivas" (BORDIEU e PASSERON, 1975, p.164).

Através desta última colocação ganha também no alcance explicativo certas proposições de MERTON, a respeito da orientação para o intra-grupo em sociedades que apresentuam

FIGURA:1 - Contexto de referência dos Migrantes Sazonais



tam baixa taxa de mobilidade, relacionando-se estas com as oportunidades objetivas de êxito próprias a uma determinada categoria ou classe. Este aspecto será focalizado nas comparações estabelecidas pelos migrantes sazonais entre sua situação e a dos grandes proprietários na região de origem, ou em relação aos funcionários qualificados e direção das empresas em que trabalham na região de destino e nas formas de conflito resultantes dessa inserção em duas estruturas distintas. Procurar-se-á verificar em que medida as probabilidades objetivas de êxito, próprias à categoria dos migrantes, condicionam suas motivações no sentido da permanência no processo de migração sazonal.

Desta forma pretende-se considerar os aspectos estruturais que determinam em primeira instância os movimentos migratórios e particularizadamente no caso presente as formas segundo as quais se informam as decisões a nível individual e grupal. Resumindo e definindo melhor colocações já apresentadas:

Fatores estruturais (monopólio da terra, proliferação de minifúndios, áreas de estagnação, inobservância das leis trabalhistas, etc.); fatores ambientais, climáticos e culturais determinam a inexistência de condições de absorção de parte dos indivíduos em idade produtiva nas regiões de origem.

Ante tal quadro, a saída migratória afigurarse-ia como alternativa. Entretanto, o retorno implica em outra ordem de considerações tais como a situação dos migrantes na organização da produção (pequeno proprietário, assalariado, arrendatário ou parceiro); dificuldades objetivas apresentadas pela estrutura urbana para oferecer empregos; as exigências de qualificação que lhes tornariam difícil a competição com os desempregados já existentes nas áreas urbanas, etc.

Com base na teoria dos Grupos de Referência, tratar-se-á de orientações para o Intra-grupo e das maneiras como as mesmas se efetivam. Buscar-se-á uma avaliação do peso da integração grupal na determinação de respostas adaptativas, apresentadas pelos grupos de migrantes sazonais frente aos padrões impostos ou propostos pela civilização urbana. Enfim, como se configuram respostas a situações enfrentadas em grupo ou pelo grupo.

Conforme A. CÂNDIDO, quando grupos rústicos dotados de certo grau de integração são expostos à civilização urbana, a tendência verificada é uma aceitação dos traços impostos tais como novo ritmo de trabalho, novas relações ecológicas, certos bens manufaturados, etc.; e uma rejeição dos propostos entre os quais menciona-se a racionalização do orçamento, o abandono das crenças tradicionais, a individualiza-

ção do trabalho, a passagem à vida urbana. (1971, p.218).

A adequação destas proposições poderá ser avaliada ao se focalizar as orientações para o intra-grupo e a manutenção do padrão migratório sazonal. Certas propriedades dos grupos merecerão ainda ênfase, entre as quais:

- as formas de solidariedade que caracterizam o intra-grupo e a coesão grupal, as relações de autoridade vigentes no mesmo, a influência da estrutura ecológica do grupo sobre a sua preservação, referindo-se esta a "extensão em que a propinquidade espacial e funcional afeta a formação de relações sociais, os tipos de controle social e o grau de envolvimento dos membros com o grupo" (MERTON, 1970, p.409).

- o caráter das relações sociais prevalescentes no grupo e nos contatos com outros grupos.

4. METODOLOGIA OPERACIONAL

O relato das etapas seguidas pela investigação, os instrumentos de coleta de dados, a determinação da amostra, o encaminhamento do trabalho de campo, as reações dos informantes frente ao pesquisador, assim como, as experiências adquiridas por este face à situação de pesquisa, serão objeto deste capítulo.

4.1. O Plano Geral de Coleta de Dados

Iniciou-se esta investigação no sentido de identificar as Usinas de Açúcar que atraem a mão de obra sazonal, situando-se as atividades dos migrantes junto às mesmas, o que foi feito conforme o seguinte plano geral de coleta de dados.

a) Consultas aos registros das Usinas de Açúcar, onde se procurou obter dados sobre contratação de migrantes sazonais por ocasião da safra, histórico desse procedimento

to, porcentagem de migrantes contratados pela empresa em relação ao número total de operários, preferência ou não a este tipo de mão de obra, natureza das tarefas desempenhadas pelos mesmos, habitação, etc.

b) Aplicação de formulários individuais ao conjunto dos trabalhadores migrantes selecionados para a amostra.

c) Entrevista em profundidade com os grupos constituídos pelos migrantes sazonais.

4.2. Área de Estudo

O primeiro critério para a seleção das unidades agro-industriais - Usina Iracema, localizada no município de Iracemápolis, Usina São Martinho em Pradópolis, São João em Araras e ainda Usina Açucareira da Serra em Ibaté, foi determinado pelas repetidas menções às mesmas como pontos de afluência de migrantes. Justifica-se a utilização desse critério em vista do caráter exploratório do presente estudo, em que a tarefa inicial consiste em caracterizar o fenômeno migratório sazonal, relacionado com a demanda de mão-de-obra da agro-indústria açucareira.

Outro critério, a situação das mesmas nas mais importantes regiões produtoras de açúcar do Estado - Campinas

e Ribeirão Preto, também apóia essa escolha.

Acerca da importância alcançada pela lavoura canavieira na região de Ribeirão Preto, um relatório do governo estadual assim se manifestou: "O montante da produção canavieira da região é equiparado ao da região de Campinas, as quais formam a área produtora por excelência do Estado. Convém, no entanto, assinalar que, atualmente, enquanto a produção canavieira de Campinas atingiu um nível bastante alto e parece a estabelecer-se, na de Ribeirão Preto os canaviais estão em franca expansão" (DIAGNÓSTICO-6a. Região Administrativa do Estado de São Paulo, 1972, p.4/19).

A Usina Açucareira da Serra, entretanto, logo no início do trabalho de pesquisa foi excluída, pela impossibilidade de obtenção de dados pertinentes ao problema de estudo junto à direção da mesma.

Critérios como facilidade de acesso e disponibilidade da direção em fornecer informações também justificaram a escolha das Usinas Iracema e São João. Nesta ordem de motivos a inclusão da Usina São Martinho deveu-se ainda ao tipo peculiar de recrutamento de mão-de-obra que efetua na região de origem dos migrantes.¹

¹ *informação obtida através de migrantes e também na seção de Recursos Humanos do Sindicato das Indústrias do Açúcar e do Alcool.*

A área de estudo ficou, portanto, representada pelas três unidades anteriormente citadas, todas pertencentes ao Grupo Ometto.

4.3. Os Instrumentos de Coleta de Dados

A coleta de dados que permitissem a caracterização do fenômeno em estudo, foi iniciada com o levantamento de informações junto às agro-indústrias acima citadas. Esta atividade foi efetuada no período de janeiro a julho de 1973. Nestas informações observaram-se as seguintes variáveis: número de pessoas provenientes de Minas Gerais, Bahia e Estados Nordestinos, contratadas por ocasião do início da safra, cidade de procedência, porcentagem dos mesmos em relação ao total de operários, data em que se começou a contratar esse tipo de mão de obra; critérios para seleção do pessoal; forma de recrutamento de mão-de-obra na região de origem; preferência ou não ao tipo de mão de obra representada pelo migrante sazonal; funções desempenhadas por estes na usina e condições de habitação dos migrantes contratados.

As informações nas três usinas foram obtidas com pessoas encarregadas do setor do pessoal; Usina São Martinho as relativas ao número de pessoas e cidades de procedência, foram complementadas pelo chefe de turma, encarregado de recrutar pessoal na região de origem.

Na Usina Iracema, a consulta aos arquivos permitiu a organização dos dados de admissão de migrantes em uma série histórica abrangendo o período de 1960 a 1972.

Os dados junto aos migrantes foram obtidos através de entrevistas, gravadas em sua maior parte, e também mediante a aplicação de formulários.

As entrevistas foram realizadas com base em roteiro organizado a partir do quadro teórico que orienta o estudo, procurando-se captar as avaliações e tipos de comportamento dos grupos frente ao contexto de referências fornecido pelo pesquisador. Este roteiro, entretanto, foi utilizado de forma flexível, variando de acordo com a situação da entrevista e do informante.

Tal procedimento revelou-se eficiente, pois, no decorrer da pesquisa a ocorrência de um dado imprevisto veio de certa forma completar o roteiro anteriormente formulado e corroborar certas funções que MERTON assinala à investigação empírica. ²

² *A descoberta em conversa informal com a esposa de um migrante originário de Itaberaba (Bahia) e radicado em Limeira (SP), de um fato imprevisto, viria depois assumir importância na explicação do retorno dos migrantes. Este fato liga-se ao papel representado pelas formas de lazer que caracterizam a região de origem (as comumente chamadas "festas"), as quais segundo a informante, poderiam em grande parte explicar "o porquê" do regresso dos baianos ao término da safra.*

"A pesquisa empírica frutífera não somente com prova hipóteses teoricamente derivadas como também dá origem a hipóteses novas. Isto pode ser chamado o elemento de seren dipidade da investigação ou seja a descoberta por casualidade ou por sagacidade de resultados válidos que não eram pro curados" (MERTON, 1970, p.173).

A unidade amostral nas entrevistas foi consti tuída por grupos de migrantes, tendo sido realizadas 30 entre vistas com duração de uma hora e meia a duas horas cada uma.

Ao lado das entrevistas, recorreu-se também à aplicação de formulários respondidos individualmente com a finalidade de obtenção e sistematização de dados sobre o mi grante e a região de origem os quais poderiam ser omitidos nas entrevistas, face às circunstâncias de realização das mes mas (alojamentos coletivos, presença de várias pessoas, etc). Os formulários englobaram os seguintes tópicos e as variáveis correspondentes aos mesmos: a) Dados do informante - idade, município de procedência, zona rural ou urbana, grau de esco laridade e estado civil. Para os casados - idade da esposa, local de nascimento desta, situação ocupacional da mesma, número de filhos, idade dos filhos. b) Informações sobre a fa mília - local de nascimento dos pais, profissão dos mesmos, número de irmãos migrantes sazonais, local de destino destes. c) Situação ocupacional do informante na região de origem -

proprietário ou não, se proprietário - tamanho da propriedade, tipos de produtos para consumo, tipos de produtos para comercialização, renda anual da propriedade, pessoas que trabalham na mesma. Para os não proprietários - tipo de relação de trabalho, salário. d) Dados sobre a migração - números de migrações, local de destino em cada migração, informação para se dirigir ao local de destino em cada migração, meio de transporte utilizado em cada uma delas, razões para o regresso.

Complementado as informações obtidas nas entrevistas e formulários, utilizou-se ainda a observação participante.

4.4. A População

A população ou universo do estudo conforme já foi visto no levantamento de dados nas três agro - indústrias foi constituída pelo somatório dos migrantes contratados no início da safra do ano de 1973, respectivamente 135 pessoas na Usina Iracema, 132 na Usina São João e 230 na Usina São Martinho, num total de 497 pessoas. Na impossibilidade de se trabalhar com essa população, devido aos fatores limitantes, como tempo e dificuldades para localização de seus integrantes, determinou-se trabalhar com uma amostra da mesma.

4.5. A Amostra

Devido a dificuldades de localização dos informantes e acesso aos mesmos, esta não foi escolhida de forma aleatória. Foi seletiva, não sendo seu tamanho pré-estabelecido para determinar o levantamento de dados. Processou-se o levantamento de informações até que estas fossem suficientes para a visualização dos contextos de referência em que se colocam os migrantes sazonais. Deu-se ênfase em localizar e realizar entrevistas com pessoas provenientes dos municípios que aparecem como principais fornecedores desse tipo de mão-de-obra, o que já havia sido observado através do levantamento realizado junto às empresas.

Merece destaque o papel representado por um migrante originário de Itaberaba e radicado em Iracemápolis que atuou como elemento de ligação entre o pesquisador e os migrantes sazonais, selecionando de certa forma aqueles que poderiam se constituir em bons informantes. Por outro lado, um aspecto já citado reafirma esse critério de seletividade no sentido de que pessoas inicialmente entrevistadas forneceram informações sobre conhecidos seus em outras agro-indústrias os quais foram depois localizados.

4.6. O Trabalho de Campo

Localização dos informantes - as entrevistas

foram realizadas em três tipos de locais: alojamentos dos trabalhadores nas Usinas São Martinho e Iracema, quartos alugados pelos mesmos nas cidades de Araras e Iracemápolis e ainda em casas de migrantes radicados em Limeira e Iracemápolis, onde os grupos costumam se reunir nos dias de folga.

Em todas as situações as entrevistas envolvem grupos, atendendo-se às características do local de moradia dos informantes (geralmente constituído por um único cômodo que funciona como dormitório e cozinha) e aos afazeres que desempenham tal como o preparo de refeições para levar ao trabalho.

4.7. Experiências para o Pesquisador no Trabalho de Campo

Reações dos entrevistados face ao mesmo - À medida que no trabalho de campo se buscou configurar o universo de ação e a dinâmica de relacionamento que envolve os informantes, toda uma série de considerações acerca de problemas da pesquisa social colocou-se ao investigador, oferecendo-lhe também oportunidade de uma maior vivência em relação aos mesmos.

Com base nessas experiências, atividades que poderiam se constituir simplesmente em etapas de trabalho de campo surgem como situações sociais com conteúdo significativo para a explicação do fenômeno que está sendo estudado.

Nesta ordem de considerações, a localização dos informantes em lugar de simples atividade rotineira, passa a ser compreendida como a explicitação de toda uma rede de contatos informais estabelecida entre pessoas envolvidas em movimentos migratórios, refletindo laços de solidariedade familiar ou de amizade em decorrência de origem comum.

A importância dessa rede se manifestou também na própria situação das entrevistas, tal como a inclusão de informantes que não eram empregados nas três usinas selecionadas. Tal inclusão foi motivada pelo fato destes residirem nos mesmos locais que migrantes que exerciam funções na Usina São João de Araras, embora estivessem empregados na Usina Cresciumal, de Leme e na Usina Palmeiras, em Santa Cruz das Palmeiras. O interesse demonstrado por esses e a disponibilidade em narrar suas experiências motivaram ainda a sua inclusão.

A observância para com padrões de comportamento que caracterizavam os grupos de informantes fez-se presente ao se tomar o grupo como unidade amostral para as entrevistas. Ressaltou-se nessas circunstâncias a cooperação que os presentes dispensavam ao companheiro que estava fornecendo informações, lembrando fatos que aquele estava tendo dificuldade para recordar ou explicando "à sua maneira" questões formuladas pelo investigador, que o entrevistado não chegara a

entender devido talvez à preocupação em coordenar idéias para emitir respostas.

Uma consideração feita por GOODE e HATT, a respeito da necessidade de se eliminar ou controlar o efeito do observador sobre variáveis importantes para a pesquisa, tornou-se explícita no trabalho de campo. Os autores citados reportando-se a um estudo de fertilidade, realizado em Porto Rico, citam o fato de que os costumes locais não permitiam que perguntas sobre situação familiar, nascimento de filhos, etc. fossem formuladas a uma mulher por um homem, necessitando-se para a realização das entrevistas da contratação de pessoas do sexo feminino (GOODE e HATT, 1973, p.173). No caso presente, a atenção para com as condições em que se realizava o trabalho de campo (locais onde só residiam homens) e também a sensibilidade para os padrões de comportamento dos grupos quanto ao relacionamento entre pessoas de sexos diferentes foram importantes para o desenvolvimento das atividades.

Desta forma procurou-se contornar os efeitos da pessoa do investigador (no caso uma mulher) sobre os resultados, na medida em que as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e um acompanhante (o esposo desta). Em todo transcorrer das mesmas apesar do acolhimento, interesse que manifestaram para com o estudo e da gentileza que dispensaram à "pesquisadora" os informantes dirigiam-se ao pesquisador do

mesmo sexo, observando-se que davam à entrevista um tom de "conversa de homem para homem". Outro traço manifestou-se no tratamento mais cerimonioso dispensado à pesquisadora, utilizando sempre senhora ou dona, enquanto que ao esposo desta tratavam simplesmente por você ou pelo nome.

Entre os problemas que dificultaram a realização das entrevistas incluem-se as poucas horas disponíveis dos informantes, dado seu horário de trabalho e a preocupação que se tinha em não atrapalhar suas atividades rotineiras. Sendo assim, aproveitaram-se as folgas motivadas pela paralisação da Usina nos dias de chuva e os dias destinados ao descanso quinzenal. Na Usina São Martinho as entrevistas foram efetuadas após terminada a safra, no período em que os migrantes ficam esperando o acerto de contas findo o contrato de trabalho (primeira semana de dezembro de 1973).

Ao ser sugerido o gravador para registro das entrevistas o emprego deste constituiu preocupação, na medida que se considerou pudesse ocorrer um retraimento dos informantes frente ao aparelho, preocupação dissipada, contudo, logo nas primeiras entrevistas. Verificou-se que no geral não houve receio em se deixar gravar. Manifestaram mesmo um desabaixo inesperado, seguido frequentemente de entusiasmo ao ouvir sua voz gravada, no que eram apoiados pelos companheiros presentes. Os informantes muitas vezes se sentiram preocupa-

dos com o conteúdo das informações por eles veiculadas como mostra o seguinte trecho:

"(...) bom pera aí, desliga aí que eu vô falar primero prá ver se tá certo. Porque e se num estiver certo? ... sabe quantos anos eu tenho nesta Usina? Bom nem em lembro bem. Foi no tempo do A. Foi em 54 não lembro bem. Eu viagei a vida toda. Nóis vinha tudo junto voceis lembram? Bom precisa conferir porque nóis nunca mentimos e sabe como é pesoa que não mente não sabe mentir, certo?" (Grupo de Livramento do Brumado).

Em entrevista subsequente notou-se que os informantes eram familiarizados com o gravador e alguns possuíam esse aparelho. Utilizavam-no para gravar músicas cantadas em suas reuniões de lazer ou passar para fitas as músicas apreciadas em discos.

Ao se iniciar a entrevista explicava-se aos entrevistados os objetivos do trabalho e o interesse em registrar a história de cada um, pois, poderiam de uma forma mais completa dar informações sobre esse movimento anual de vinda e retorno após a safra, assim como contar coisas a respeito de sua região de origem que dificilmente seriam encontradas em livros.

Feitas estas considerações os mesmos se dispu

nham logo a começar a narrativa, notando-se que se sentiam prestigiados ante o fato de pessoas aqui do Estado de São Paulo manifestarem interesse em conhecer suas condições de vida e trabalho aqui, e na região de origem. Tal comportamento evidenciava-se, sobretudo, quando empunhavam o microfone do gravador e passavam a discorrer sobre suas experiências.

As entrevistas tiveram ainda para os migrantes um significado não esperado pelo pesquisador, constituíram-se em motivos para reuniões de lazer na medida em que os grupos de Ipirá e Itaberaba, empregados na Usina Iracema, resolveram demonstrar como eram as festas, os denominados sambas na região de origem. Ao se encerrar as entrevistas rapidamente se organizavam e passavam a dançar e cantar músicas típicas de sua região tais como boiados, desafios, etc, ao som de violões, pandeiros e outros instrumentos improvisados. Uma destas reuniões chegou a contar com cerca de 100 participantes, em virtude da Usina se encontrar parada devido às chuvas ocorridas durante o dia.

A mesma disponibilidade não se verificou quando da solicitação para que respondessem individualmente os formulários, para obtenção de dados mais específicos sobre a situação do migrante na região de origem e sobre as migrações por ele efetuadas. Alguns chegaram mesmo, nessa ocasião, a manifestar a idéia de que talvez o fato de responderem ao for

mulário pudesse acarretar impedimento à sua vinda nos anos subsequentes. Foram tranquilizados quanto a este aspecto por um companheiro que exerce liderança entre eles, o qual lhes garantiu não existir nenhuma ligação entre os pesquisadores e instituições governamentais.

Cumprе ressaltar a atuação desses líderes, os quais facilitaram em grande parte o trabalho de coleta de dados, informando os horários disponíveis e se encarregando de reunir o pessoal.

A impressão que se teve da relutância em alguns casos para respostas ao formulário e ausência de problemas para as entrevistas gravadas, parece advir da situação particularizada no primeiro caso, enquanto que no segundo se oferecia oportunidade de comportamento grupal a que estão bastante acostumados, desde que viajam juntos, residem em alojamentos coletivos e também exercem atividades em conjunto no local de trabalho. Outro fator que merece ser lembrado como provável explicação para o fato, parece ligar-se ao gosto por instrumentos de comunicação tais como, rádios, toca-discos e gravadores, etc. demonstrado pelos grupos.

5. ORIGEM DOS MIGRANTES

5.1. Localização e características físicas

O município de Itaberaba localiza-se na zona fisiográfica da encosta da Chapada Diamantina, está incluído no Polígono das Secas, situando-se ainda seu território no Vale do Rio Paraguaçu. Limita-se com os municípios de Ipirá, Rui Barbosa, Iaçú e Boa Vista do Tupim. Partindo da capital do estado dista em linha reta 192 Km.

Ipirá: dista da capital em linha reta 157 Km, com altitude de 328,43m, temperatura média de 26^o.

Livramento do Brumado: situa-se a 353 Km da capital em linha reta, com altitude de 560 metros, clima temperado e bastante saudável.

A dificuldade de obtenção de informação específica para esses municípios motivou a consideração dos mesmos

enquanto integrantes de regiões administrativas e de micro-regiões homogêneas do Estado da Bahia, extrapolando-se para os mesmos as características destas regiões.

Itaberaba é sede da 12a. Região Administrativa, incluindo-se nesta também o município de Iaçu. Ipirá liga-se a 2a. Região Administrativa com sede em Feira de Santana. Livramento do Brumado situa-se na 13a. Região Administrativa com sede em Vitória da Conquista.

Em relação à situação dos mesmos quanto a classificação por micro-regiões homogêneas, Itaberaba situa-se na região denominada Piemonte da Diamantina, Iaçu e Ipirá, na região de Feira de Santana, Livramento do Brumado pertence à Região da Serra Geral da Bahia.

Segundo a classificação de KOPPEN o clima das regiões onde se localizam esses municípios é do tipo AW, ou seja, "clima das savanas tropicais, com precipitações superiores a 750 mm, caracterizado por duas estações: seca, de maio a outubro e chuvosa, de novembro a abril. Compreende a parte ocidental do Estado". (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p. 46).

Ao lado das características gerais do clima há de considerar-se como fatores que condicionam as possibilidades agrícolas da região: tipo de solo, o relevo, a proximida-

de de rios e a qualidade das águas destes. Estes fatores tornam-se explícitos ao se caracterizar a bacia do Paraguaçu, de que fazem parte os três primeiros municípios, Itaberaba, Ipirá, Iaçú e a bacia do Rio de Contas onde se situa Livramento do Brumado. "Seguindo-se de leste para oeste, atrás do litoral encontra-se, como no nordeste oriental, a série de várzeas fluviais dos grandes rios Paraguaçu, Rio de Contas, Pardo, etc., cavados entre tabuleiros e colinas com altitudes inferiores a 200m. Após, encontra-se a encosta da Chapada Diamantina que se eleva pouco a pouco até a porção maciça, mais alta da mesma. A Chapada Diamantina, que atinge altitudes que variam desde os 600m até pontos superiores aos 1000m é a continuação, em solo baiano, da Serra do Espinhaço de Minas Gerais." (ANDRADE, 1970, p.27).

Tanto para a Bacia do Rio de Contas como para a do Paraguaçu as precipitações médias variam entre 500 e 1000mm anuais. A precipitação mínima ocorre nos bordos da Chapada Diamantina e nas Chapadas de Vitória da Conquista.

Acerca da Bacia do Rio de Contas das possibilidades agrícolas da região destacam-se as zonas dos rios perenes e dos temporários ou periódicos. As primeiras abrangem as Bacias dos Rios de Conchas, Brumado, Ourives, Sincorá, Santana, Jacaré e do Caldeirão; entre os principais, compreende os municípios de Dom Basílio, Livramento do Brumado, Rio de

Contas, Jussiape, Ituaçu e Contendas do Sincorá, além de outros menos importantes.

O vale do Rio Brumado, no trecho próximo ao município de Livramento do Brumado, destaca-se como área para agricultura.

A Bacia do Paraguaçu, considerada a mais importante concentração fluvial inteiramente em território baiano, apresenta características semelhantes quanto à natureza perene ou temporária dos rios que a integram.

Os principais formadores do Paraguaçu nascem na Serra Geral (Chapada Diamantina) cuja área pertence ao "Polígono das Secas".

"Os rios Santo Antonio, Capivari, Piratigi, Tupim, Jacuipe e Peixes são os principais afluentes da margem esquerda. Entre estes apenas o Rio Santo Antonio é perene, os demais são intermitentes, apresentam águas salinizadas e grandes vazões nos períodos invernosos." (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.102).

Analisando as potencialidades da Bacia do Paraguaçu, o relatório acima citado coloca: "a bacia se caracteriza não só pela baixa precipitação mal distribuída, concorrendo para a formação de caatinga mas também pela deficiência

de cobertura vegetal e pela sua aridez, caracterizada pelo regime torrencial dos cursos d'água. A correção artificial da ecologia local visando ao aporte de água para irrigação, poderá em alguns locais sanar estas dificuldades, permitindo um melhor rendimento da agricultura regional." (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.106).

Outro problema apresentado refere-se ao teor de salinidade das águas o qual, se elevado, poderá torná-las inaproveitáveis para irrigação. "Drenando a maior parte da área da Bacia, os afluentes da margem esquerda do Paraguaçu são todos intermitentes e apresentam índices por vezes muito elevados de salinização, conforme análises disponíveis, os valores de salinidade total variam de 4.000ppm a 287ppm, com uma média de 2.397ppm. Tem os principais rios da área teores de salinidade total em torno do valor médio, ficando os extremos com pequenos afluentes e rios. De uma maneira geral, não se deve superestimar as possibilidades da Bacia do Paraguaçu nem tampouco o potencial ao longo do rio, uma vez que os solos mais interessantes do ponto de vista agrícola, pelas suas condições intrínsecas e a topografia das áreas que ocupam estão localizados relativamente distantes do leito do rio e em altitudes que dificultam a adução de água para fins de irrigação...

Isto ocorre com os latosolos profundos de textura média e argilosa e os podzólicos vermelho amarelos do

planalto de Cruz das Almas e sua extensão na margem esquerda do Paraguaçu, do planalto de Santo Estêvão, além dos interflúvios onde ocorrem bons solos a jusante de Itaberaba, ao longo da rodovia BR 242" (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.104/107).

5.2. Principais produtos agrícolas na economia desses municípios

Os municípios de Itaberaba, Ipirá, Iaçú e Livramento do Brumado tem na agricultura a base de sua economia a dedicando-se à produção de mandioca, feijão, mamona, milho, fumo, (e algodão apenas no último município). Entretanto, a produção agrícola dos mesmos não alcança expressão no total da produção do Estado. Apenas Ipirá chega a figurar entre os principais municípios produtores de fumo do Estado, e ainda participa com apenas 1,7% da mesma.

A região de Itaberaba detinha a maior área com cultivo de mamona do Estado, e no triênio 1970/72 perdeu essa posição para a região de Irecê, sua produtividade é porém uma das mais baixas do Estado, alcançando 493,4 Kg/ha em 1972. O próprio município de Itaberaba não aparece como um dos principais produtores no Estado, destacando-se, na região de que é sede, os municípios de Andaraí, Itaete e Boa Vista do Tupim.

"Em 1972 a mamona ocupava o 5º lugar tanto em área produtiva (7,8%) quanto em valor da produção (6,9%) entre as demais lavouras do Estado da Bahia. A produção apresentou tendência crescente no período, apesar de algumas oscilações, comportamento também observado para a área. A produtividade conseqüentemente é irregular, alcançando 1008 Kg/ha naquele ano." (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.83).

A mamona como produto destinado em grande parte ao mercado externo tem sua comercialização sob o controle de grandes firmas exportadoras ligadas a grupos internacionais, e seu preço encontra-se sujeito às oscilações da demanda internacional.

O cultivo da mandioca é disseminado por todas as regiões da Bahia. Apesar do grande significado econômico social que tem esta lavoura, pois é cultivada em sua grande maioria, por pequenos proprietários que dela dependem diretamente para seu sustento, ainda não mereceu a devida atenção por parte dos órgãos de extensão rural. A mandioca é cultivada em quase todos os tipos de solo, de maneira rudimentar predominando no seu plantio o braço humano.

Itaberaba e Livramento constituem-se em centros de convergência de produtos agrícolas das regiões a que pertencem, respectivamente, mamona e milho para a primeira, e

algodão e arroz para o segundo município. ¹

As causas do baixo rendimento agrícola encontram-se relacionadas a uma série de fatores tais como: climáticos, baixo nível de tecnologia empregado e, principalmente, pela estrutura agrária dessas regiões que se caracteriza pela proliferação de minifúndios.

5.3. A Estrutura agrária

A estrutura agrária do Estado da Bahia caracteriza-se pela predominância de pequenos estabelecimentos (áreas abaixo de 50 ha) os quais representam mais de 85% dos estabelecimentos estaduais ocupando 21,9% da área recenseada.

Os grandes estabelecimentos (1000 ha e mais) representam 0,4% dos estabelecimentos recenseados e compreendem 22% da área.

Os médios estabelecimentos (50 a 1000 ha) tem uma participação de 14,6% do total de estabelecimentos e detem 56,1% da área.

¹ Ver no apêndice 1 mapa situando os principais produtos agrícolas do Estado e os municípios que participam com pelo menos 1% da produção dos mesmos.

O número de estabelecimentos aumentou da ordem de 108% no período de 1950 a 1970, enquanto que a incorporação de novas terras se fez na base de 39,6%. O estrato constituído de propriedades de 0 a menos de 50 ha foi o que teve maior incremento no período, registrando-se um acréscimo de 286.011 novos estabelecimentos. Desse total, 65,3% tinham menos de 10 ha e 24% de 10 a menos de 50 ha.

"Configura-se assim uma tendência à disseminação e parcelamento dos pequenos estabelecimentos situados no estrato I (Imóveis rurais de 0 - 10ha), os quais vem continuamente aumentando sua participação apesar da política do INCRA voltada para a progressiva eliminação de minifúndios, cujas causas devem ser buscadas no elenco de variáveis sócio-econômicas e demográficas. O crescimento populacional rural, quando não é acompanhado da expansão do mercado de trabalho, ao mesmo nível, faz com que a população excedente acorra ao setor de subsistência, expandindo-o, ao mesmo tempo em que se constata um processo de partilha dos pequenos estabelecimentos já existentes através de heranças" (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.136).

A situação da estrutura agrária do Estado da Bahia assemelha-se a do Nordeste e do Brasil, retratando a evolução histórica do processo de distribuição da terra no país.

Estas características da estrutura agrária são também vigentes nas regiões onde se situam os municípios de Itaberaba, Iaçú, Ipirá e Livramento do Brumado, respectivamente, as regiões fisiográficas da Chapada Diamantina para Itaberaba e Iaçú, Feira de Santana para o município de Ipirá e Serra Geral para Livramento do Brumado.

O quadro nº 1, na página seguinte, traduz essa distribuição para as regiões mencionadas.

Segundo esses dados, na categoria de pequenas propriedades (a qual inclui as situadas nos dois primeiros estratos, 0 - 10 ha e de 10 - 50 ha), as três regiões apresentaram a maior parte de seus estabelecimentos agrícolas respectivamente 89% para a Chapada Diamantina, 90,1% para Feira de Santana e 83,1% para a de Serra Geral. A área total ocupada por aqueles estabelecimentos corresponde a 23,8% para a primeira, 31,5% para a segunda e 39,2% para a última.

Sobre a utilização da terra em âmbito estadual, em 1960, 71,80% das terras do 1º estrato eram exploradas enquanto que no estrato correspondente a propriedades de 1000 - 10 000 ha e de 10 000 ha e mais, 80,1% das mesmas eram inexploradas. Os pequenos estabelecimentos mostraram também a utilização da maior parte de sua área com lavoura, enquanto que os grandes estabelecimentos apresentavam grandes exten-

QUADRO 1 - Número e área dos estabelecimentos por estratos de área - Regiões Fisiográficas da Bahia 1960

ESTRATOS	CHAPADA DIAMANTINA			FEIRA DE SANTANA			SERRA GERAL			
	Nº	HA	%	Nº	HA	%	Nº	HA	%	
0 - 10	23386	62,8	7,1	23369	59,4	7,7	14512	40,8	61093	5,9
10 - 50	9725	26,2	16,7	12096	30,7	23,8	15330	43,1	346345	33,3
50 - 100	1878	5,0	10,4	2024	5,1	12,5	3498	9,8	226216	21,8
100 - 1000	2160	5,8	41,7	99	0,0	16,8	2192	6,2	368699	35,5
1000 - 10000	103	0,3	14,9	2	0,0	2,4	23	0,1	36552	3,5
10000 e +	5	0,0	9,2	2	0,0	-	-	-	-	-
s/declaração	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

FONTE IBGE - CENSO AGRÍCOLA DE 1960: Cálculos. CPE

sões sem qualquer aproveitamento e na parte cultivada uma maior proporção ocupada com gado.

Sobre a ocupação de pessoal em 1970, 44,6% do mesmo encontrava-se ocupado em estabelecimentos de menos de 10 ha e 32,5% nos de 10 a menos de 50 ha. Entre 1950 e 1970 o pessoal ocupado no setor primário no Estado da Bahia apresentou um acréscimo de 932.143 pessoas. Desse acréscimo, 60% encontra-se localizado em propriedades de menos de 50 ha, enquanto que nas médias e grandes propriedades o pessoal ocupado apresentou redução.

O seguinte trecho ilustra as funções da pequena propriedade. " Quanto mais extensos são os estabelecimentos, menor é a utilização de mão de obra, isto porque nos maiores predominava a exploração pastoril, atividade pouco absorvedora de mão de obra, enquanto os pequenos estabelecimentos e minifúndios, tradicionalmente voltados para lavouras de subsistência tem por função ocupar parcela dominante da população rural. Dentro desta perspectiva, observações de campo demonstraram que os pequenos estabelecimentos minifundistas apresentam duplo papel, retenção de mão de obra quando as atividades agrícolas voltadas para o mercado apresentam baixo volume ou queda da produção, e liberação dessa mão de obra para o trabalho nos grandes estabelecimentos em fase de expansão das referidas atividades" (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAHIANA, 1974, p.145).

Com a limitada demanda de emprego nas grandes propriedades, a afluência de mão de obra para o setor minifundista seria ainda maior, não fora o fenômeno do êxodo rural que atinge parte da população liberada no setor primário.

5.4. As relações de trabalho

Sob o aspecto das relações de trabalho que se definem em relação ao pessoal ocupado na agropecuária a maior parte desta pertencem à categoria de mão de obra familiar, distribuindo-se esta, principalmente, nas propriedades de 0 - 10 ha e de 10 - 50 ha.

A relação de trabalho familiar caracteriza os minifúndios produtores de milho, feijão, mandioca e arroz, sendo considerada no conjunto das relações de produção como atividade de subsistência.

"A mão de obra é essencialmente familiar, somente em algumas propriedades foi encontrado o assalariado. Esta modalidade ocorre com proprietários de poucos hectares que deixam suas famílias para o auto-consumo e se deslocam para propriedades maiores em busca de emprego, dividindo a semana entre estas e suas roças." (ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA, p.155).

Tal atividade é traduzida na expressão dos tra

balhadores dessas regiões como "caçar um dia de trabalho em terra alheia".

Nos minifúndios dedicados a atividade de subsistência se estabelece um regime de exploração de terras com técnicas bastante rudimentares, a par das reduzidas possibilidades de consumo face aos baixos rendimentos que apresentam.

A categoria de empregado temporário em 1960 abrangia 19,8% do pessoal ocupado no setor, enquanto os empregados permanentes apresentavam uma reduzida participação, em decorrência desse tipo de relação de trabalho não se coadunar com a maior parte das atividades agrícolas. A diária e a relação mensalista apresentam-se como sub-formas do regime de contratos com base em vínculos formais classificando-se como relações de trabalho tipicamente capitalistas. O estabelecimento de relações de trabalho com base na diária visa reduzir as responsabilidades trabalhistas, propiciando ao empregador manter um nível de pessoal ocupado de acordo com as necessidades de mão-de-obra. A diária e a relação mensalista vem substituindo a parceria em todas as regiões do Estado.

Outro aspecto a se ressaltar é a participação da mulher na força de trabalho no setor primário, sendo esta participação elevada como força de trabalho familiar atingindo índices de até 40% e baixa como assalariado, atingindo nessa categoria apenas 25%.

6. O PROCESSO MIGRATÓRIO SAZONAL NAS USINAS AÇUCAREIRAS PAULISTAS

6.1. Movimentos migratórios sazonais no Brasil

Os movimentos migratórios sazonais são considerados por vários autores como importante capítulo das Migrações Internas no Brasil. Estudos de caráter geral citam a presença destes, sobretudo no Nordeste, relacionando-os principalmente à demanda de mão-de-obra pelas usinas de açúcar por ocasião das safras. "O movimento sazonal de trabalhadores das áreas semi-áridas produtoras de algodão no Nordeste para a úmida região de cana-de-açúcar ao longo da costa é também um importante item das migrações internas no Brasil. Esta não deve ser confundida com a fuga das secas que periodicamente assolam a área. Todos os anos durante os meses secos, nos meses de entressafra do algodão, milhares de homens dos sertões ou das caatingas migram para a costa, para trabalhar na safra de cana." (SMITH, 1967, p.193).

São os "corumbas" ou "caatingueiros" moradores do Agreste em seu movimento anual em demanda da zona canavieira para trabalhar durante a safra e com as primeiras chuvas retornar à região do origem. (ANDRADE, 1963, p.109).

Considerando-se as áreas de cacau no estado da Bahia, a situação quanto à migração sazonal é similar à relatada para as regiões de cana-de-açúcar.

O papel tradicionalmente desempenhado pelo bi-nômio latifúndio-minifúndio no Nordeste dedicando-se o primeiro a produtos de exportação e o segundo à produção para subsistência com a colocação no mercado de reduzidos excedentes, constitui-se também em fator explicativo do fenômeno em discussão. Para o proprietário, ou mesmo para o arrendatário de pequenas glebas, o tamanho limitado destas leva-os à necessidade de se empregar como assalariados nas grandes propriedades. Em decorrência, efetivam-se movimentos migratórios dos minifúndios do Agreste para a costa durante a safra de cana.

LOPES destaca que a diminuição das taxas de mortalidade contribui para a multiplicação dos minifúndios e das pessoas que os ocupam. Este excedente de força de trabalho tem três possíveis destinos: "migração para áreas urbanas; trabalho (sazonal) temporário nas culturas de exportação e migração para a fronteira onde em terras devolutas podem re-¹⁴produzir a mesma agricultura de subsistência. (LOPES, 1973, p.17).

Um estudo específico sobre migração sazonal foi realizado por LEVY (1973) e abrange movimentos da população rural de noventa municípios do Estado de Pernambuco. O autor analisa o interrelacionamento entre fluxos migratórios sazonais, atividades geo-econômicas e estrutura e posse da terra, buscando responder à questão: "Por que os homens migram sazonalmente?"

Estudo realizado pelo antropólogo MARVIN HARRIS e citado por LOPES (1972, p.63) sobre a migração de Rio de Contas, na Bahia, refere-se a diferenças de padrão migratório entre os habitantes da zona rural e da zona urbana. Os últimos, geralmente desligados da lavoura, vão ocupar no Sul empregos urbanos e raras vezes retornam. Os que provem da zona rural demandam São Paulo ou Paraná em vista dos baixos salários em sua região, destinam-se quase sempre a atividades agrícolas e, geralmente, retornam à sua comunidade, chegando mesmo a participar de migração sazonal para o Sul. Em ambos os casos o grosso da migração é constituído por moços solteiros.

Outros aspectos são ainda ressaltados nesse estudo acerca de padrões migratórios, por exemplo a frequência em que turmas de dez a doze pessoas demandam São Paulo ou Paraná para tomar parte nas colheitas e retornar em tempo hábil de iniciar suas próprias plantações. Configura-se, por-

tanto, nessa última consideração o fato da migração ocorrer em grupos.

BOSCO e JORDÃO NETO (1967) em estudo realizado na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo assinalam a relação entre incidência de fluxos migratórios e ciclos vegetativos de culturas no Estado de São Paulo. Focalizam também as intenções de fixação ou retorno por parte dos migrantes recém-chegados, ao mesmo tempo que salientam as dificuldades para se estimar a proporção de retorno dos mesmos. "... o regresso dos migrantes é praticamente incontrolável, pois já desfrutando de recursos financeiros, fruto de seu trabalho de 1, 2 ou 3 anos de lavoura (maior parte), construção civil e outros serviços, os migrantes procuram meios de transporte mais confortáveis que os 'paus de arara', que seriam mais facilmente controláveis nas barreiras rodoviárias, além disso, o regresso é feito mais por famílias isoladas e indivíduos escoteiros do que em levas (BOSCO e JORDÃO NETTO, 1967,p.140)."

Outro aspecto destacado por estes autores refere-se às explicações para o retorno relacionadas pelos entrevistados, entre as quais, para os proprietários o desejo de retomar pessoalmente o cultivo de suas terras, subsidiados com os recursos adquiridos com o trabalho em São Paulo, aparece com maior frequência. Para os não proprietários as explicações para o retorno tornam-se mais difíceis, parecendo ligar-

se a`fatores puramente psicológicos. Entre os indivíduos que já haviam retornado duas ou mais vezes, a maior parte explicou o retorno por motivos de saudades. "... não foi possível mesmo obter dos migrantes outra explicação. Não obstante, podemos conjecturar sobre outros motivos tais como: exibicionismo pessoal (roupas, calçados, objetos de uso pessoal, rádio transistor, etc.) usados como símbolos do sucesso, ou então tentativa de uma espécie de justificação da saída perante a sociedade local, no caso de haverem obtido resultados favoráveis no seu empreendimento." (BOSCO E JORDÃO NETTO 1967, p.144).

As limitadas possibilidades de ascensão social no Estado de São Paulo, e o apego aos valores de sua cultura, parecem também atuar como condicionantes do regresso. Os autores frisam, entretanto, que tais hipóteses estão sujeitas a uma verificação rigorosa e só uma pesquisa "in loco" poderia esclarecer a questão.

Com o intuito de distinguir o trabalho volante de outras modalidades de trabalho, entre estas o trabalho sazonal, GONZALES e BASTOS definem este último como o trabalho "em cujo sistema os trabalhadores, em determinados períodos (especialmente nas colheitas) deixam sua residência e se deslocam, temporariamente, para executarem tarefas agrícolas, retornando à sua base após o término desta atividade. Nesta modalidade de trabalho agrícola os trabalhadores não se enconu

tram totalmente desprovidos dos meios de produção, já que se constituem em grande parte de posseiros, parceiros e pequenos proprietários agrícolas. O trabalho sazonal é uma atividade complementar a uma ocupação principal." (GONZALES e BASTOS, 1975, p.4).

Em relatório sobre a agricultura paulista publicado em 1972, encontra-se também referência à migração sazonal a qual viria suplementar a mão-de-obra da lavoura paulista, desde que a população agrícola do Estado vem decrescendo também em números absolutos a partir de 1958. Ressalta ainda que a facilidade de comunicação e transporte propiciada pela expansão do sistema rodoviário, trouxe implicações nos movimentos migratórios tais como o retorno de migrantes (inter-regionais) à sua região de origem e também "o movimento de trabalhadores temporários provenientes de regiões distantes e que não são imigrantes propriamente ditos." (DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA PAULISTA, 1972, p.113).

6.2. A migração sazonal nas Usinas de Açúcar Paulistas

O interesse pelo tema do presente estudo foi despertado a partir de referências ao mesmo por pessoas oriundas do Estado da Bahia, estabelecidas em São Paulo, ligadas a migrantes sazonais por laços de parentesco ou amizade.

Partindo destas informações iniciais e con-

tando com a colaboração destes primeiros informantes, pode-se localizar e estabelecer contatos com alguns migrantes empregados na Usina Iracema, no município de Iracemápolis, São Paulo, em fins de novembro de 1972.

Estes confirmaram as informações acerca do processo migratório em que estavam inseridos, citando a ocorrência do mesmo também junto às seguintes usinas: São João em Araras, São Martinho em Pradópolis, Usina Açucareira da Serra em Ibaté, Tamoio em Araraquara, Palmeiras em Santa Cruz das Palmeiras, Usina da Barra em Barra Bonita, etc.

Os primeiros contatos interromperam-se pelo término da safra de cana-de-açúcar e partida dos informantes. Foram importantes no sentido de fornecer alguns esclarecimentos sobre este processo migratório, tais como o fato da vinda e retorno dos migrantes se processar em grupos, a identificação de indivíduos que já haviam realizado mais de dez migrações, sempre afeitos ao mesmo tipo de trabalho sazonal em usinas de cana-de-açúcar; explicitar a intenção dos mesmos em não se fixar no Estado de São Paulo; relacionar os municípios baianos de Itaberaba, Ipirã, Livramento do Brumado e Iaçua como os principais fornecedores deste tipo de mão-de-obra.

A etapa seguinte compreendeu o levantamento de dados junto às agro-indústrias iniciando-se pela Usina Iracema, onde se consultou os arquivos de registro de empregados

correspondentes ao período de 1960 a 1972.

Foram consultadas 2.552 fichas de empregados que passaram pela Usina Iracema de 1960 a 1972. Dessa relação, separaram-se 923 fichas de trabalhadores oriundos dos Estados Nordesteiros e de Minas Gerais que exerceram atividades na Usina Iracema e Fazenda Aparecida (propriedade da primeira) nesse período. A distribuição dos mesmos por estado de procedência apresentou-se conforme os dados do Quadro 2.

QUADRO 2 - Número de trabalhadores provenientes de Minas Gerais e Estados Nordesteiros contratados pela Usina Iracema e Fazenda Aparecida de 1960 a 1972.

ESTADOS	Nº DE ADMITIDOS
Bahia	725
Pernambuco	56
Minas Gerais	46
Rio G. do Norte	37
Sergipe	23
Ceará	15
Paraíba	12
Alagoas	9
TOTAL	926

Procurou-se caracterizar nesse total os que possivelmente eram migrantes sazonais com base em três variáveis: a) data de admissão e rescisão do contrato de trabalho para verificação de coincidência ou não com período de safra de cana-de-açúcar; natureza da atividade a ser exercida, setor de fabricação ou serviços gerais da lavoura; c) o local de residência, alojamento da usina ou endereço na cidade próxima a esta.

O total de 926 pessoas restringiu-se então a 736, compilando-se dessas fichas observações referentes a número de vezes que o trabalhador foi admitido pela usina; datas de admissão e rescisão do contrato de trabalho; a naturalidade dos mesmos; a idade; estado civil, número de filhos e idade do filho mais velho; categoria de trabalho.

O quadro 3 apresenta a distribuição desses trabalhadores por ano de admissão, estado e cidade de procedência compreendendo o período de 1960 a 1972.

QUADRO 3 - Naturalidade e Estados de procedência de trabalhadores contratados pela Usina Itacema no início da safra, no período de 1960 a 1972.

ANO	PROCEDENCIA		ESTADO DA BAHIA				OUTROS ESTADOS				TOTAL					
	ITABERABA		IPIRÁ		MAIRI		IAÇU		LIVR. BRUMADO			OUTROS MUNIC.		MG - SE - PE		
	Nº de Adm.	%	Nº de Adm.	%	Nº de Adm.	%	Nº de Adm.	%	Nº de Adm.	%		Nº de Adm.	%	Nº de Adm.	%	
1960	9	4,7	2	1,2	1	1,8	0	0,0	0	0,0	1	0,7	1	0,9	14	1,9
1961	13	6,7	14	8,2	2	3,5	1	3,5	3	11,5	11	7,4	3	2,6	47	6,4
1962	54	28,0	31	18,2	3	5,2	1	3,5	8	30,8	24	16,2	18	16,0	139	18,9
1963	18	9,3	34	20,0	11	19,3	1	3,5	2	7,7	19	12,8	8	7,1	93	12,6
1964	11	5,7	20	11,8	6	10,5	2	6,8	2	7,7	14	9,4	6	5,3	61	8,3
1965	20	10,4	24	14,1	12	21,0	2	6,8	0	0,0	20	13,5	6	5,3	84	11,4
1966	7	3,6	8	4,7	1	1,8	1	3,5	0	0,0	6	4,1	2	1,8	25	3,4
1967	19	9,8	5	2,9	4	7,0	5	17,2	0	0,0	8	5,4	5	4,4	46	6,3
1968	14	7,3	9	5,3	9	15,8	9	31,0	3	11,5	14	9,5	12	10,6	70	9,5
1969	4	2,1	6	3,5	1	1,8	1	3,5	1	3,8	10	6,8	13	11,5	36	4,9
1970	10	5,1	11	6,5	6	10,5	3	10,4	0	0,0	11	7,4	12	10,6	53	7,2
1971	11	5,7	4	2,4	0	0,0	1	3,5	5	19,3	5	3,4	21	18,6	47	6,4
1972	3	1,6	2	1,2	1	1,8	2	6,8	2	7,7	5	3,4	6	5,3	21	2,8
TOTAL	193	100,0	170	100,0	57	100,0	29	100,0	26	100,0	148	100,0	113	100,0	736	100,0

FONTE: dados da pesquisa

Os municípios baianos de Itaberaba, Ipirá, Iaguçu, Mairi e Livramento do Brumado contribuíram com 65,42% do total de contratados no período, sendo que somente os dois primeiros são responsáveis por 50,0% desse. A categoria outros municípios da Bahia englobou todos os que forneceram 1 ou 2 migrantes, o mesmo se verificando em relação aos outros Estados. Estes municípios, via de regra, situaram-se nas vizinhanças dos primeiros, podendo-se inferir desse fato que, os contratados daí provenientes devem ter recebido informações a respeito de oportunidades de trabalho na Usina Iracema, provavelmente de amigos e parentes originários das cidades que forneceram maiores contingentes.

Considerando-se a representatividade de cada Estado, a Bahia aparece com 85,81%, enquanto os demais participaram com 14,19%.

Do total de admissões em cada ano, subtraíram-se os admitidos pela primeira vez, anotando-se as readmissões ou seja, os indivíduos contratados mais de uma vez pela empresa em época de safra, o que viria comprovar a incidência de migração sazonal. Os resultados são apresentados no Quadro 4.

QUADRO 4 - Procedência e número de trabalhadores novos e readmitidos no início da safra - período 1960 / 1972

PROCEDÊNCIA	ESTADO DA BAHIA						OUTROS ESTADOS						TOTAL	
	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS *			OUTROS MUNICÍPIOS			SE - MG - PE			Adm. no ano			Re-admitidos	
	Tot. de Adm.	Read- mi- tidos	%	Tot. de Adm.	Read- mi- tidos	%	Tot. de Adm.	Read- mi- tidos	%	Adm. no ano	Adm. no ano	Adm. no ano	Re-admitidos	%
1960	12	-	-	1	1	-	1	1	-	14	14	-	-	
1961	42	33	21,4	12	11	8,3	5	3	2	59	47	12	20,3	
1962	124	97	21,7	32	24	8	21	18	3	177	139	38	21,4	
1963	150	66	56,0	39	19	20	21	8	13	210	93	117	55,7	
1964	168	41	75,6	44	14	30	21	6	15	233	61	172	73,8	
1965	211	58	72,5	44	20	24	23	6	17	278	84	194	69,7	
1966	176	17	90,3	43	6	37	24	2	22	243	25	218	89,7	
1967	143	33	76,9	32	8	24	26	5	21	201	46	155	77,4	
1968	135	44	67,4	35	14	21	31	12	19	201	70	131	65,1	
1969	92	13	85,5	28	10	18	33	13	20	153	36	117	76,4	
1970	74	30	59,4	27	11	16	25	12	13	126	53	73	57,9	
1971	76	21	72,3	27	5	22	42	21	21	145	47	98	67,5	
1972	73	10	86,3	20	5	15	41	6	35	134	21	113	84,3	
TOTAL	1476	475	1001	384	148	236	113	201	2174	2174	736	1438		

* Itaberaba, Iaqu, Ipirá, Mairi e Livramento do Brumado

Fonte: dados da pesquisa

As admissões envolveram sempre os 736 casos selecionados e foram da ordem de 2174 no período de 1960 a 1972. Destas, 1438, ou seja, 67,0% caracterizaram-se como re-admissões. Ao tomar-se os principais municípios fornecedores de mão de obra sazonal a proporção de readmissões é de 67,8%. Observa-se que apesar do total de contratações ter diminuído a partir de 1965, as porcentagens de readmissões em relação ao total de admissões são mais baixas em 1968 e 1970, tendo, contudo, aumentado nos dois últimos anos.

O fato do número total de admissões aumentar até 1965 e daí apresentar uma tendência declinante, não resulta, segundo informações obtidas junto ao setor pessoal da Usina Iracema, de uma menor procura de emprego por parte dos migrantes, mas da introdução de inovações técnicas na parte industrial, o que diminuiu as necessidades de mão de obra.

Quanto aos readmitidos a cujos contratos anuais de trabalho deve corresponder igual número de migrações, os resultados são apresentados no quadro 5, podendo-se concluir através dos mesmos que dessas 736 pessoas, 66% foram admitidas mais de uma vez pela firma e 43,7% três vezes ou mais.

QUADRO 5 - Procedência e número de admissões por pessoa - Usina Iracema 1960/1972

PROCEDÊNCIA	ESTADO DA BAHIA				OUTROS ESTADOS				TOTAL	
	PRINC. MUNICÍPIOS*		OUTROS MUNICÍPIOS		SE - PE - MG		OUTROS ESTADOS			
	Nº de Admi- tidos	%	Nº de Admi- tidos	%	Nº de Admi- tidos	%	Nº de Admi- tidos	%		
Nº ADMISSÕES/PESSOA									ADMITIDOS	%
1	148	31,2	63	42,3	39	34,5			250	34,0
2	103	21,7	28	18,9	33	29,2			164	22,3
3	65	13,7	18	12,2	18	16,0			101	13,7
4	47	9,9	17	11,5	4	3,5			68	9,2
5	39	8,2	10	6,8	4	3,5			53	7,2
6	24	5,0	6	4,1	4	3,5			34	4,6
7	16	3,4	2	1,4	4	3,5			22	3,0
8	12	2,5	1	0,7	3	2,7			16	2,2
9	10	2,1	2	1,4	2	1,8			14	1,9
10	6	1,3	-	0,0	2	1,8			8	1,1
11	3	0,6	-	0,0	-	0,0			3	0,4
12	2	0,4	1	0,7	-	0,0			3	0,4
TOTAL	475	100,0	148	100,0	113	100,0			736	100,0

* Itaberaba, Ipira, Iaçu, Mairi e Livramento do Brumado.

FONTE: dados da pesquisa

Calculou-se a idade média e as classes modais de idade para os indivíduos provenientes das localidades relacionadas as quais são apresentadas no quadro 6.

QUADRO 6 - Idade média e classes modais de Idade dos Migrantes na la. contratação. 1960/1972.

LOCALIDADES	IDADE MÉDIA	CLASSES MODAIS DE IDADE
Itaberaba	28 anos	21 - - - 24
Ipirá	26 anos	18 - - - 21 21 - - - 24
Mairi	26 anos	18 - - - 21 21 - - - 24
Iaçu	22 anos	18 - - - 21
Livramento	27 anos	21 - - - 24
Outras cidades da Bahia	26 anos	21 - - - 24
Outros Estados (SE,PE,MG)	28 anos	21 - - - 24

FONTE: dados da pesquisa

QUADRO 7 - Estado civil dos migrantes por procedência.

ESTADO CIVIL	ESTADO DA BAHIA						TOTAL	
	Princ.Munic.*		Outros Munic.		SE,PE,MG		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
SOLTEIROS	308	64,84%	120	81,1%	74-65,5%		502-66,8%	
CASADOS	167	35,16%	28	18,9%	39-34,5%		234-33,2%	
TOTAL	475	100,00%	148	100,0%	113-100,0%		736-100,0%	

*Itaberaba, Ipirá, Iaçu, Mairi e Livramento do Brumado

Os dados obtidos na Usina Iracema referem-se ao período 1960 a 1972. Para 1973 só se obteve o total de migrantes criandos dos Estados do Nordeste e Minas Gerais, o qual foi de 135 pessoas, em virtude do levantamento ter sido realizado de janeiro a março, isto é, antes do início da safra.

Em seu conjunto tais resultados permitem observar a ocorrência de padrões de migração já assinalados em outros trabalhos. ¹

a) a existência de um nítido padrão migratório entre as regiões do Nordeste e Minas Gerais para o Centro-Sul.

b) indivíduos migrantes que provêm da zona rural serem predominantemente do sexo masculino.

c) a camada que emigra abrange em sua maior parte indivíduos na idade mais produtiva (faixa etária entre 18 e 35 anos) o que empobrece as regiões de origem no que tange ao elemento humano.

Relacionados ao tema do presente trabalho, os dados comprovam a ocorrência de migrações sazonais para esta unidade agro-industrial açucareira, a identificação na populaç

¹ BOSCO e JORDÃO NETTO (1957), p.220; CARVALHO (1960), p.92; MOLINA: M.IGNEZ G: 1970, p.124.

ção estudada dos padrões migratórios acima citados, a predominância de indivíduos provenientes das cidades de Itaberaba, Ipirá, Mairi, Iaqu e Livramento do Brumado.

Das informações obtidas nas três usinas conforme as variáveis assinaladas no início, verifica-se que dos 799 empregados da usina São João no ano de 1973, 308 foram admitidos somente para a safra. Desse total, 132 eram provenientes dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Sergipe, correspondendo a 42,9% dos admitidos. Na usina São Martinho, dos 800 empregados, 300 foram admitidos para a safra e destes, 230 eram provenientes do Estado da Bahia. A Usina Iracema admitiu 135 para a safra, faltando os outros dados que permitam estabelecer sua porcentagem relativa.

O município de Itaberaba figura como principal fornecedor de mão de obra sazonal, repetindo-se o que já se observara na Usina Iracema durante um período de 12 anos.

O informante na Usina São João não pode precisar a data em que começou a contratar esse tipo de mão-de-obra, afirmando apenas que em 1967 já o fazia. Na Usina São Martinho o chefe de turma informou que em 1957 trouxe a primeira turma de 80 homens para exercer atividades durante o referido período. Na Usina Iracema, nos arquivos consultados, em 1960 pode-se relacionar a admissão de migrantes procedentes daquela região, entretanto, o mesmo chefe de turma da Usi

na São Martinho afirmou ter trabalhado anteriormente naquela empresa no ano de 1954, tendo trazido a 1ª turma de aproximadamente 60 homens em 1955.

Em vista das tarefas a serem desempenhadas pelos migrantes não exigirem qualificação, e poderem ser aprendidas num espaço de tempo relativamente curto, não há critérios especiais para seleção. Admite-se os que demonstrarem condições físicas para o trabalho. A partir do 1º ano de atividades na firma, os indivíduos que demonstraram interesse pelo trabalho, assiduidade, enfim, um bom desempenho terão preferência caso voltem a se candidatar a vagas o que comumente acontece. O migrante volta trazendo seus parentes e conhecidos. As Usinas São João e Iracema não adotam nenhuma forma para recrutar essa mão-de-obra na região de origem, os migrantes espontaneamente aparecem em tempo hábil a serem contratados para a safra (maio a junho).

Já a Usina São Martinho recruta essa mão-de-obra de forma diferente. Desde que começou a empregar migrantes, eles são contratados por uma pessoa que reside no município de Itaberaba, na Bahia. Esta contrata trabalhadores na sua região e vem com os mesmos para São Paulo. Orientando a contratação a Usina fornece a esse chefe de turma cartões com os nomes dos trabalhadores que demonstraram aptidão para o trabalho, assiduidade e outros requisitos e que já têm seu

lugar garantido para o próximo ano. Fornece também cartões em branco que deverão ser distribuídos a pessoas que o turmeiro julgar capacitadas para o trabalho. Desta forma, a usina assegura a mão-de-obra que necessita durante a safra e dá garantias de emprego aos que se dispõem a vir para São Paulo. As atribuições desse chefe de turma vão além do contrato de trabalhadores. Até recentemente, trabalhava junto com a turma na Usina, reside com a mesma nos alojamentos cedidos pela empresa, possuindo autoridade indiscutível entre eles. Este aspecto é de interesse para a empresa porque com um chefe de sua própria região este saberá compreender e mais facilmente controlar os problemas que possam surgir entre os migrantes.

Os migrantes desempenham atividades dentro da usina circunscritas ao processo de fabricação do açúcar e álcool, esteira, moagem, caldeira, armazém, etc., enfim, tipos de trabalho que não exigem qualificação mas principalmente força física. São registrados sob a categoria genérica de servente de usina.

O horário é de 12 horas por dia, pois a usina funciona de maneira ininterrupta empregando, portanto, duas turmas de trabalhadores. Estes têm uma folga quinzenal, sendo que nessa ocasião uma turma descansa e a outra faz os dois turnos, ou seja 24 horas de trabalho. Na Usina São João 18 horas por ocasião do descanso da outra equipe.

Nas Usinas Iracema e São Martinho, os migrantes residem em alojamentos da própria empresa. Os da São João, moram em casas alugadas para o período de safra nas cidades próximas ao local de trabalho, tais como Araras, Cordeirópolis e Limeira.

Nestas, só residem homens, encarregando-se os mesmos do preparo da comida que levam para o trabalho. Devido ao fato do próprio trabalhador preparar as refeições, está se generalizando entre os mesmos o termo "queima lata" para designar a categoria de migrante sazonal.

Em resposta à questão de preferência ou não em contratar migrantes em lugar de trabalhadores da própria região, as opiniões convergiram em que não há uma preferência explícita, mas que a contratação dos mesmos apresenta algumas vantagens. Estas resumem-se em uma consoância de interesses entre os migrantes e as empresas, no sentido de que as usinas tem necessidade de mão de obra mais numerosa apenas no período de safra, precisam também de empregados, que se disponham a trabalhar um maior número de horas extras incluindo-se o trabalho aos domingos e feriados. Por sua vez os migrantes tem interesse em trabalhar somente durante o período de safra e desejam retornar à sua região. Também se interessam em trabalhar o maior número de horas possível para tirar as despesas de viagem, manutenção, além de tentar conseguir alguma poupança. Por outro lado, estes vêm para cá sem a família,

o que diminui os encargos que poderiam ter, aumentando sua disponibilidade.

6.3. Caracterização dos migrantes

"Esses rapazes tão como a mãe de São Pedro, nem no céu, nem na terra" (irmã de um migrante sazonal radicada em São Paulo, ante o retorno do irmão e de outros companheiros).

Se a alusão à passagem bíblica não é de todo fiel, exprime, entretanto, ao nível das pessoas relacionadas aos grupos de migrantes sazonais o vai e vem anual destes. Ao pesquisador fica a tarefa de explicitar os aspectos de céu e de terra envolvidos no processo e das formas pelas quais os mesmos, influenciando-se reciprocamente determinam a manutenção do movimento.

Incumbência nem sempre fácil, parece, entretanto, tornar-se possível na medida em que se for descrevendo a rede de interrelações estabelecidas no grupo e pelos grupos analisados, tanto na região de origem quanto na de destino, tendo-se por base a posição destes na estrutura produtiva. Gradativamente, então, vai-se esclarecendo ao observador que fatos aparentemente paradoxais, como períodos de contínuas privações e jornadas de trabalho estafantes nas usinas de açúcar se afiguram em formas de manter o céu representado pela

"liberdade de trabalho por conta própria" ou "a não necessidade de trabalhar alugado o tempo todo" na região de origem.

Quais as condições estruturais que atuam no sentido de impulsionar a saída dos indivíduos e sucessivamente em recambiá-los às suas regiões? Qual a percepção que os integrantes de tais processos apresentam acerca dos mesmos e como se organizam para enfrentar as novas situações ?

Respostas a tais indagações podem ser iniciadas com a explicitação das formas e funções assumidas pela pequena propriedade e a caracterização do grupo estudado quanto às mesmas.

As pequenas propriedades e os minifúndios no Brasil, tradicionalmente voltados para a subsistência, distinguem-se também ao longo do processo histórico por funções de ~~absorvedoras~~ da mão-de-obra liberada pelos grandes estabelecimentos nas fases de declínio das atividades ligadas ao mercado e fornecedores da mesma quando aquelas se expandem. Sua localização via de regra na periferia das grandes propriedades faculta tal desempenho.

O atendimento de tais funções passa também a se verificar a nível inter-regional, com a expansão do setor agrícola na região Centro-Sul, particularmente a evolução das agro-indústrias açucareiras a partir da década de 50.

O caráter sazonal das atividades da agro-indústria determina uma intensificação nas necessidades de mão-de-obra durante os meses de safra, o que dá margem ao aproveitamento nesse período da força de trabalho sub-ocupada no setor de subsistência, configurando-se fluxos migratórios para as regiões onde as mesmas se situam.

As formas pelas quais essa mão-de-obra é recrutada, e como a contratação de migrantes desvincula as empresas de compromissos de emprego findo o período da safra, encontram-se estreitamente ligadas à persistência das funções historicamente assumidas pela pequena propriedade e podem ser especificadas ao nível do grupo estudado.

Contingentes de trabalhadores egressos da zona rural passam a executar tarefas bastante distintas das desempenhadas até então. É, pois, nessa posição de trabalhador safrista junto a uma usina de açúcar que a pesquisa vai buscar seus informantes. Destacam-se entre os mesmos aqueles que exerceram um papel de precursores, ou seja, os que inicialmente demandaram São Paulo. Para esses não se configuravam ainda as possibilidades de retorno anual tendo alguns informantes relatado as experiências de seus pais e tios.

"... que nesse tempo que o pessoal vinha pra aqui eu mesmo tenho tio, as vezes meu pai que veio da Bahia aqui de a pé. Por que? Porque condução esse tempo se aqui e

ra atrasado, a Bahia ainda mais. Aí quando saia um assim era a mesma coisa de ter saído um defunto, era a mesma coisa que ter morrido um, né". (migrante de Livramento do Brumado, 10 viagens para São Paulo).

As palavras do mais idoso dos entrevistados que foi também o iniciador dos movimentos sazonais junto às usinas pesquisadas enfatizam esse aspecto.

(e antes de vir aqui para São Paulo, como era a situação lá na Bahia?)

"a situação era apertada, puxa uma situação pés sima tinha terrinha muito pouco lembro que comprei a terrinha por três contos e levei quatro anos para pagar esta terra. Aí fui em Ipirá tocar lavoura, plantar milho e feijão prá ver se eu adquiria este dinheiro. Trabalhei que nem um leão e não fiz nada. Então eu digo: vou em São Paulo. Sonhava com aqueles fornos grandes queimando e que vinham abatendo aquelas árvores tão grandes; de cabeça baixa digo: meu Deus o mundo está para se acabar! E não é assim que não era? Era o meu anjo-da-guarda que veio para São Paulo e vim aqueles meses da queles fogos tão bonitos caindo aquelas lágrimas e foguetes assim de lágrimas. E depois eu sonhava com aqueles pacotes de dinheiro assim. Então eu vim graças a Deus e estou aí.

(E deu para ganhar os pacotes de dinheiro?)

Deu para ganhar sim senhor. (contratador de mão de obra na região de origem, 19 viagens, 68 anos).

A narrativa apresenta alguns pontos obscuros que adquirem sentido ao situar-se as atividades exercidas pelo migrante em sua jornada a pé da Bahia até Minas Gerais, onde trabalha cortando madeira para carvão, daí os sonhos com fornos abatendo as árvores. Consegue recursos para chegar a São Paulo pelos meses de maio-junho, início de festas juninas comemoradas com fogos de artifício. Observe-se que toda a explicação vem embuída de um tom mágico, maravilhoso de expectativa de ganho fácil, caracterizando as idéias difundidas que São Paulo é a terra da fartura onde o indivíduo consegue rapidamente fazer fortuna. Sua trajetória interrompe-se com a obtenção de trabalho em um engenho de pinga em Rio das Pedras. Recebendo posteriormente informações sobre a Usina Iracema. Admitido nesta empresa, executa as mais variadas atividades até conseguir um cargo de confiança, o de guarda. Três anos nesse serviço e já lhe solicitam em 1955 que traga 10 homens da Bahia para o trabalho durante a safra. Ao término desta incumbência de trazer 50 para a Usina São Martinho.

"...desses 50 empregados hoje eu estou com 230. Os homens foram gostando, tomaram fé da baianada. Tomou fé da baianada e hoje já está com 16 anos que eu trabalho."

Ante sua disposição em deixar o trabalho devido à idade e ao cansaço e trazer um substituto a direção lhe solicita.

"... você vem com o seu candidato, nem que não faça nada, eu quero você aqui dentro da Usina. Eu estou aqui lutando com tudo que é pessoal e tudo me dá atenção, tudo parece que eu sou o pai dele. Se eu der um grito aqui e olha que é mais de 200."

Se as condições especiais apresentadas por este migrante e a peculiaridade das atividades exercidas, chefia e contratação de pessoal lhe possibilitaram realizar a última parte do sonho, ganhar os pacotes de dinheiro, para a maior parte destes, isto se constitui em apenas um sonho que se desfaz à medida que as forças do trabalhador se esvaem no ritmo intenso do trabalho sazonal.

A caracterização dos informantes quanto à sua situação na estrutura produtiva na região de origem foi feita a partir das 62 respostas dadas aos formulários, resumindo-se nos dados seguintes: 43 proprietários, 2 arrendatários, 1 parceiro, 1 agregado, 2 autônomos na zona urbana e 13 assalariados rurais.

Desse total, 69,3% detem a propriedade dos meios de produção, abrangendo os proprietários e 4 informantes ,

que afirmaram trabalhar nas terras do pai. Dos 39 casos de proprietários, 29 possuem glebas com menos de 50 ha, a renda anual proveniente da venda dos excedentes de milho, feijão, mandioca, culturas de subsistência e de um único produto para comercialização, a mamona, variou entre Cr\$500,00 e Cr\$... 10.000,00 (Ver apêndice 2). Esta, ao ser dividida pelo número de pessoas que trabalham na propriedade, assume proporções tão baixas que caracterizam plenamente a informação geral das dificuldades para subsistir e alimentar a família.

" ... eu vim por esse modo não é. A Bahia lá prá nós era muito atrasada nesse tempo não é. Então a turma começou a vim para cá e eu com bastante filho prá tratar, falava que aqui era melhor que ganhava mais e coisa, então me deu na cabeça de eu vir.

Nós antes tinha de virar era com a roça né.... plantava o milho, plantava feijão, mandioca, plantava mamona, plantava tudo enfim da vida né. Nós tinha roça e deixava a família plantar de tudo que quisesse, era feijão, mandioca, milho, mamona, mamona não se come é pro armazém, né, abóbora pro armazém também." (Migrante de Itaberaba, 15 viagens para São Paulo, 53 anos)

Dos restantes 9,6% dos mesmos estão envolvidos em relações de trabalho que propiciam a seus integrantes uma certa liberdade, como é o caso dos arrendatários, parceiros,

e autônomos da zona urbana o que lhes facilita a paralisação das atividades nos meses em que vem trabalhar nas usinas de São Paulo.

Os assalariados da zona rural enquadram-se na categoria de trabalhadores temporários residindo a maior parte em propriedades de parentes, sendo interessante assinalar-se neste aspecto referido pelos assalariados o sentido de propriedade coletiva familiar mantido ainda na região. "É interessante notar que ao mesmo tempo que a terra não é considerada como objeto de propriedade individual, esta noção é bem clara em relação aos produtos da terra (quando cada membro adulto da família tem uma roça) e à criação." (LOPES, 1971, p. 34). Com base nessa utilização comunal da terra, os assalariados definem sua situação na região de origem, explicando que a propriedade é do pai ou do sogro, mas fazem a roça por sua conta e o que produzem lhes pertence. Excluindo-se os autônomos da zona urbana (um pedreiro e um vendedor ambulante) os demais situam novos ângulos dos fatores repulsores da mão de obra na região de origem dando ênfase às relações de produção estabelecidas.

"... Eu tenho vindo prá São Paulo porque lá a gente vive na roça né a questão é que os fazendeiro dá a terra deles prá plantar o capim e depois a gente não pode ter dinheiro prá fazer outra roça, né, então a gente vem prá São Paulo prá poder ganhar um dinheiro."

A respeito das atividades exercidas antes de se iniciar a migração.

"... É vivia desse modo mesmo, dando um diazinhos outros arrançando um licurizinho, outros caçando uma caçazinha prá vender, vivia assim..."

Interessante assinalar-se que a própria colocação das tarefas no diminutivo (diazinho, caçando um licurizinho) expressa seu caráter complementar às atividades de subsistência, funcionando como meios para se conseguir recursos em dinheiro. ² Para os homens estas foram sendo substituídas pelas oportunidades de trabalho sazonal em outras regiões.

As secas que comumente ocorrem e via de regra são responsabilizadas pelo êxodo rural, aparecem como fenômeno natural e esperado, apenas contribuindo para agravar a situação e não como a determinante dos processos migratórios.

"... mas um vem por precisão forçada como eu mesmo, estou apartado de minha família aqui, porque tenho precisão. Tenho minha responsabilidade prá eu dá conta e lá

² A coleta do licuri parece ser atualmente trabalho apenas das mulheres que raspam a palha do mesmo, extraem um pó que é vendido para utilização no fabrico de graxas, sabonetes, etc 3 litros de pó, perfazem 1 Kg de pó de licuri, valia em 1973, Cr\$1,00.

prá nois o nosso Estado num tem indústria. São Estado de pou
co serviço, não tem um serviço, não tem uma indústria prá vo-
cê se defender, quem sabe quando pegar uma situação melhor,
por isso que a gente vem.

Às vezes voce futura uma roça, a chuva falta
um pouco, naqueles tempo certo de vingã aquela lavoura, a gen-
te perde tudo o trabalho." (Migrante de Livramento do Brumado)

As grandes propriedades e a natureza das ativi-
dades aí desenvolvidas também aparecem com frequência no dis-
curso dos entrevistados, caracterizando-se nesses momentos
a "estrutura de dominação na qual grupos e classes sociais im-
põem seus projetos econômicos e o curso do desenvolvimento
a outros grupos e classes sociais" (ARGUELLO, 1975, p.36).

" As grandes fazenda atrapalha, mais o governo
que podia tomã uma oportunidade disso, porque esses que tem
12 mil tarefa, 13 mil, 14 mil esses num fais nada, a terra
fica lá toda vida sem fazê movimento nenhum com essas terra e
se chegã um que tem interesse de trabalhã e for pedi a eles
prá trabalhã eles num dá. Então o negócio é esse aí, fica a
terra lá de mofando num movimenta com nada. Algum faz pasta-
gem prá criar gado. É o que faz. " (Migrante de Itaberaba)

Os salários percebidos pelos assalariados vari-
aram entre Cr\$100,00 a Cr\$170,00 por mês no ano de 1973, a re

lação de trabalho é a diária referindo-se os informantes à dificuldade de encontrar serviço todos os dias do mês.

Entre os informantes, como afirmou o próprio chefe de turma, "não há velhos, o único velho sou eu", 93,6% dos entrevistados situam-se na faixa de 15 a 45 anos, com concentração nas de 20 a 35 anos.

A maior parte dos mesmos é casada, tendo em média, 4 filhos. Ao indagar-se do número de irmãos dos informantes, a maioria tinha uma média de 10 irmãos, aspecto relacionado com o fracionamento da propriedade por heranças e a consequente proliferação dos minifúndios. Dados do Censo de 1960 mostram que 60% do acréscimo do pessoal ocupado no setor primário no Estado da Bahia, que no total foi da ordem de 932.143 pessoas, encontra-se em propriedades com menos de 50 ha. A situação particularizada dos informantes parece corresponder a essa tendência geral.

Relacionada a esse aumento da população está a evasão de parcelas da mesma, notadamente dos indivíduos em idade produtiva. Dos entrevistados, 31 tinham irmãos desempenhando atividades sazonais em usinas de açúcar do Estado de São Paulo, envolvendo um total de 59 pessoas. Muitos entre estes afirmaram ter irmãos estabelecidos nesse Estado e no Paraná.

Os informantes com mais idade, em geral, haviam exercido durante 2 ou 3 anos atividades naqueles estados, 6 entre estes haviam trabalhado em construção civil, 8 trabalharam na zona rural na Alta Paulista, integrando turmas de peões contratados para empreitadas. Após este período, optaram pelo trabalho como safristas em usinas, estando empregados nestas, frequentemente, há uns dez ou doze anos.

A experiência adquirida em outras modalidades de trabalho e a liderança que exercem nos grupos de migrantes contribuíram para dar a estes uma nova organização, além de orientação frente ao desempenho exigido pela agro-indústria.

Os aspectos relatados até o presente, traduzem, em linhas gerais, a situação dos minifúndios e das pequenas propriedades voltadas para a subsistência, desassistidas pelas instituições de crédito e extensão rural, enfrentando os rigores do clima e das oscilações dos preços agrícolas, seus integrantes mantendo a rotina de práticas agrícolas rudimentares, a reproduzirem em novo âmbito suas tradicionais funções de fornecedores de mão-de-obra para a "plantation", agora em novo regime de trabalho. Evidenciam-se assim as condições que transformam seus integrantes no "queima-lata", este corumba que faz uma viagem mais longa para se tornar o servente de usina em São Paulo.

7. O TRABALHADOR "QUEIMA LATA" NAS USINAS DE AÇÚCAR

7.1. Novas condições de trabalho nas Usinas Açucareiras Paulistas

Como foi proposto no capítulo precedente o caráter sazonal das atividades da agro-indústria açucareira determina uma intensificação nas necessidades de mão-de-obra durante a safra o que dá margem ao aproveitamento, nesse período, da força de trabalho sub-ocupada no setor de subsistência. Outros aspectos referem-se às formas pelas quais essa mão-de-obra é recrutada, e como a contratação de migrantes desvincula essas empresas de compromissos de emprego aos mesmos findo o período de safra.

Para situar o trabalho do migrante junto a essas unidades faz-se necessário alguns comentários a respeito das condições que presidiram a instalação das Usinas de Açúcar no Estado de São Paulo. Localizam-se as mesmas em re-

giões que já contavam com um parque industrial estruturado, apresentando portanto uma diversidade maior de alternativas de emprego. A legislação trabalhista abrangendo todos os empregados da parte industrial e os da agrícola e a orientação específica que lhe impôs o usineiro, representante "não mais da lavoura e dos canaviais mas sim da burguesia urbana" (QUEDA, 1972, p.123), caracteriza uma racionalidade empresarial que transcende as atitudes patriarcalistas do senhor de engenho.

A Usina busca então, baseada na própria natureza da exploração que desenvolve, na qual ciclos de moagem e parada se alternam continuamente, novas modalidades de contrato de trabalho que adaptadas as exigências da legislação trabalhista, lhe possibilitem atender seu objetivo máximo aumentar suas taxas de acumulação.

É na consideração deste tipo peculiar de indústria inserida no meio rural, e na sazonalidade de seu funcionamento, em correspondência ao próprio período de maturação da matéria prima que emprega que se deve buscar os motivos de atração sobre todos os trabalhadores que compõem sua estrutura produtiva. Consubstanciam-se estas razões na perspectiva de maiores salários durante a moagem e se fazem sentir desde os proprietários de caminhões de transporte que nesta época prestam serviços exclusivamente às usinas ao bóia-fria empenhado no corte da cana, passando pelos trabalhado-

res efetivos da parte agrícola, aos operários qualificados da seção de fabricação e das oficinas, até os operários contratados especificamente para a safra.

O regime de urgência estabelecido pela usina a partir de seu funcionamento ininterrupto durante o período de moagem, se para as categorias mais qualificadas representa maiores salários mediante extensão da jornada de trabalho; para os trabalhadores empenhados na fabricação representa apenas a distensão de seu nível de subsistência através de seu engajamento em horas de trabalho adicionais.

Por outro lado as Usinas, já não contam com a imobilização da força de trabalho que necessitam via concessão de moradia, como ocorre em Pernambuco (LEITE, 1975, p.206). As Usinas paulistas atendendo a própria racionalidade empresarial de sua direção, já referida, e no afã de aumentar a área plantada, extinguiram quase por completo as colônias existentes nas áreas que incorporaram, expulsando seus moradores para as cidades circunvizinhas.

Estes passam a constituir a mão-de-obra volante, que intermediada por um turmeiro, volta a ser contratada pela Usina com base no pagamento da diária, destinando-se às tarefas da lavoura, plantio, cultivo e corte da cana. Em pequena proporção nas três unidades pesquisadas são admitidos na qualidade de serventes para as atividades industriais de

fabricação do açúcar, sendo a maior parte destas vagas preenchidas por migrantes sazonais.

A própria contratação destes exemplifica na prática os novos aspectos que as relações de intercomplementariedade e dependência historicamente estabelecidas no setor agrário entre a pequena propriedade e os grandes estabelecimentos assumem com o desenvolvimento capitalista. Se para os migrantes o trabalho sazonal representa uma forma de complementar a renda insuficiente auferida na região de origem, para as Usinas sua contratação representa a garantia de uma parcela de mão-de-obra em total disponibilidade, pronta a enfrentar o ritmo intenso e a extensão da jornada de trabalho, impostos aos trabalhadores durante o período de fabricação, liberando-as de qualquer compromisso de emprego ao término deste. Estes contratos representam para as Usinas formas de extrair trabalho suplementar em que maximizam suas taxas de mais valia, apoiada nas próprias motivações do grupo.

Definidas as condições da região de procedência e os fatores de atração aqui identificados com a maior demanda de mão-de-obra que as Usinas de Açúcar apresentam durante a moagem, necessário se torna explicar a formação e manutenção dos grupos que anualmente se encaminham para o trabalho sazonal. Utilizando-se pressupostos da Teoria de Grupos de Referência, conforme foi proposta por MERTON, visa-se

explicitar como os fatores que limitam a absorção e permanência dos migrantes, tanto nas áreas de origem quanto nas de destino, são percebidos e interpretados a nível individual e grupal, informando as decisões dos mesmos, no sentido de manter o padrão migratório sazonal. A análise pretende evidenciar sistemas de referência, usados em comum por uma categoria de indivíduos no caso os migrantes sazonais, e como esses sistemas de referências são comuns por serem moldados pela estrutura social (MERTON, 1970, p.324).

É na categoria de servente de Usina trabalhando na fabricação do açúcar, constituindo um grupo diferenciado em relação ao conjunto de trabalhadores da mesma que se vai reencontrar os migrantes recém egressos da zona rural. Conhecidos como "queima-latas", esses trabalhadores contratados para a safra, cuidam do preparo de suas refeições e moram em alojamentos da Usina ou em quartos alugados nas cidades próximas.

Atribuindo-se a este grupo as características de intra-grupo, há a considerar as interrelações que se estabelecem entre seus integrantes orientados por padrões comuns, e aquelas que se verificam entre estes e os componentes dos extra-grupos. Os últimos funcionando como um sistema de referências e propiciando portanto uma estrutura de comparação relativa, em razão da qual, o indivíduo avalia a sua própria situação.

Retomando o esquema formulado no capítulo 3, tem-se o intra-grupo, constituído pelos migrantes sazonais em relações sociais constantes com os seguintes extra-grupos: grupos constituídos por trabalhadores naturais do Estado de São Paulo nas mesmas funções na Usina; grupos de migrantes que vieram e se fixaram no Estado de São Paulo; grupos de trabalhadores que nunca saíram da região de origem.

Por outro lado o intra-grupo pode ser visto em interrelações com grupos cujos integrantes ocupam status diferentes, quais sejam: os grupos constituídos pelos grandes proprietários na região de origem; os grupos formados pelos empregados qualificados e direção das usinas.

A opção entre fixar-se em São Paulo ou retornar a região de origem, passa portanto a ser estabelecida em situações ante as quais o migrante se julgue mais, ou menos privado, em relação aquelas apresentadas pelos outros grupos que compõem este sistema de referência. Em outras palavras, este processo de tomada de decisões envolve tanto as orientações para o intra-grupo como as avaliações de sua situação no esquema relacional, possibilitado a partir de sua posição na estrutura produtiva da usina com contrato de trabalho por tempo determinado. Permite por outro lado especificar como em sociedades com baixa mobilidade a orientação para o intra-grupo tende a se acentuar, reforçando sua capacidade integrativa.

7.2. A coesão do grupo migrante e a preferência da Usina pelo seu trabalho

"E daí pegou, e pegou e lá vai vindo prá São Paulo, então pegou que nem formiga no carreiro".

Eu vinha sozinho e a família ficava em casa né. A mulher ficava com as criançada né. Então na hora que eu arrumava um dinheirinho aqui, já estava a caminho da Bahia. Lá levava era o mesmo que levar isca num rio prá um peixe. Era jogã e vim embora. Então voltava aqui de novo, esperava a ocasião de vim e lá vinha eu outra vez. E vim, e vim nisso até agora" (Migrante de Itaberaba, 15 viagens para São Paulo).

Para caracterizar o grupo de migrantes sazonais como um intra-grupo, pode-se de início considerar sua condição de grupo diferenciado em relação ao conjunto de trabalhadores da agro-indústria. Diferenciado pela própria conotação que atribuí a atividade sazonal como trabalho complementar a uma ocupação principal, conforme se depreende do trecho do discurso de um informante acima transcrito.

A atividade na agro-indústria se afigure ao migrante como meio para atingir um fim, sua manutenção, assim como a da família, na região de origem.

Formulam esses grupos uma organização e toda

uma orientação de conduta que, se de um lado permite a seus integrantes, pelo menos enquanto o migrante apresentar boas condições físicas para o trabalho, conseguir seus objetivos, por outro justificam as razões pelas quais "os homens (direção das usinas) tomaram fé da baianada".

A organização dos mesmos para a vinda pode ser constatada desde a contratação na região de origem por um migrante ao qual uma das usinas atribui tal incumbência, como a própria formação de grupos os quais encarregam os companheiros mais experientes da tarefa de acertar a condução que os trará a São Paulo.

"A gente viaja sempre em turma porque quase tudo de uma parte só, então a gente está quase sempre viajando junto, então eu vou com você, eu vou junto com você e então o padre ali já tem a lotação completa, chega na rodoviária e diz estou com tantas pessoas prá viajar tal dia" (Migrante de Itaberaba, 8 viagens)¹.

A polarização que as usinas de açúcar exercem sobre os mesmos resume-se nas particularidades de seu funcio-

¹A designação padre ao migrante que assume papel informal de chefe do grupo, por analogia aos conselhos que este dá no sentido de manter elevada a moral do grupo e a orientação dada aos iniciantes.

namento sazonal, e concretamente nos contratos que estabelecem para esse período, com base no pagamento por hora de trabalho. Através destes o indivíduo se obriga a trabalhar quatro horas por dia, além das 8 horas que constituem a jornada de trabalho normal. As horas extras são remuneradas com base em um acréscimo de 20% sobre o valor da hora normal para as 2 primeiras, e 50% daquele para as duas últimas. Mediante a extensão da jornada de trabalho diária, e ainda com o sistema de "dobras" de 15 em 15 dias, quando uma equipe descansa e a outra faz os dois turnos, isto é, 24 horas de trabalho ininterrupto, os migrantes obtêm um salário várias vezes superior ao que obteriam na região de origem. Segundo os informantes os salários lá variavam em 1973 entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 170,00 mensais, havendo porém poucas ofertas de trabalho. Nas usinas percebiam no mesmo ano, em média de Cr\$ 900,00 a Cr\$ 1.000,00. Sendo registrados, participam do sistema previdenciário, recebem o salário família mensal, o 13º salário e as férias proporcionais aos 6 meses que comumente trabalham e o FGTS pode ser retirado quando termina o contrato de trabalho.

O valor da hora gira em torno do salário mínimo. O salário se afigura bom para os migrantes porque seu valor aumenta com o grande número de horas extras que se empenham em fazer mensalmente, a legislação previdenciária mediante o salário família, e outras prerrogativas citadas acrescem o total percebido.

As formas de solidariedade e a coesão grupal que caracterizam o intra-grupo se refletem ainda na divisão de tarefas para o preparo de refeições, na cooperação que se prestam mutuamente, quando trabalham em equipe, assumindo os demais o trabalho do que para, enfrentando desta maneira o trabalho ininterrupto por 12 horas; na emulação constante dos valores grupais propiciados pela vida em alojamentos coletivos; na própria socialização ao trabalho fabril que o grupo propicia ao companheiro que vem pela primeira vez.

Este preparo inicia-se na própria região de origem, quando os candidatos a migrantes buscam informações com os que retornam, a respeito das oportunidades de trabalho em São Paulo e posteriormente se integram ao movimento, apoiando-se sempre na experiência daqueles. Estes os apresentam na Usina e orientam na obtenção dos documentos necessários ao seu registro. A expressão "vim com ele" caracteriza a assistência desses companheiros mais experientes.

"Em 64 quando o Geraldo chegou daqui fui trabalhar uma semana prá ele, plantando feijão. Perguntei prá ele como era o movimento daqui. Ele disse o movimento lá é assim: a gente chega lá arruma um serviço numa Usina daquelas, se quiser pagar pensão paga, se não quiser é cozinhar. Chega 6 horas fazer a comida, comer, 4 horas da manhã, levantar fazer prá levar pro serviço, é assim. Trabalhar na cana (re-

cepção), no armazém, no portão, é assim. Daí eu vim com o vizinho dele em 65. Fiquei em Santa Bárbara dois meses (num deram serviço prá mim, trabalhei numa fazenda, na colheita de laranja, 1 mês e dez dias, a firma dispensou porque não tinha mais serviço, então, eu vim prá aqui, fiquei dois meses parado, no dia 5 de novembro de 65 eu vim prá esta Usina. Quem estava aqui? Geraldo, então eu cheguei lá e pedi serviço. Aí o Geraldo falou pro gerente: pode dar serviço prá ele, é boa pessoa. E o gerente mandou levar o documento no outro dia. Então trabalhei 2 safras, quando foi prá interar 3, quebrei a perna, caiu uma pilha em cima de mim" (Migrante de Itaberaba, 8 viagens).

A autoridade que possuem os migrantes mais idosos que realizaram maior número de migrações e participaram de outras modalidades de trabalho é também indiscutível junto aos grupos. Expressa-se no acatamento que os membros mais novos dispensam aos conselhos dados, sobretudo os referentes a conduta no trabalho, que aqueles devem assumir se quiserem conservar o seu lugar para o próximo ano. A própria administração da usina algumas vezes reconhece este aspecto, e se constatou um caso em que delega formalmente autoridade a um dos migrantes o qual assume então a função explícita de chefe de turma, conforme se relatou no capítulo precedente em relação ao iniciador dos movimentos sazonais junto as Usinas Açucareiras.

Pode-se portanto especificar ao nível dos grupos analisados a colocação feita por ANTONIO CANDIDO (1971, p.218) na qual, quando grupos rústicos dotados de certo grau de integração são expostos às solicitações da cultura urbana, a tendência verificada é uma aceitação dos traços impostos e uma rejeição dos propostos. Assim os mesmos acatam o novo ritmo de trabalho, que a atividade industrial lhes impõe, certas relações ecológicas, certos bens manufaturados, etc., mas rejeitam os propostos tais como o abandono das crenças tradicionais, a individualização do trabalho, a passagem à vida urbana.

Esta integração não se verifica somente junto ao grupo que vem para São Paulo mas é complementada na divisão do trabalho baseada nos laços de solidariedade grupal, que ocorre na região de origem, onde amigos e parentes auxiliam os familiares do migrante nas tarefas de colheita, ou no preparo da terra para um novo ciclo agrícola.

Outro aspecto da orientação para o intra-grupo se patenteia no próprio sentimento de "nação baiana" comum aos migrantes, e a exaltação de certas qualidades dos componentes dessa nação, "camaradas fortes que enfrentam o serviço pesado que o paulista não aguenta", ou ainda na afirmativa "as Usinas preferem os baianos porque baiano não enjeita serviço", "em São Paulo, usina nenhuma mõi sem os baianos".

A orientação para o intra-grupo pode ser ainda vista como amortecedora das tensões que as condições adversas do trabalho na qualidade de servente de usina motivam. Norteados por aquela apreendem a atividade desempenhada, não a partir do funcionamento da usina em si, mas da perspectiva de que a mesma constitui um meio para manter o tipo de vida que apreciam e que podem desfrutar na região de origem.

Desta forma o trabalhador migrante ao perseguir seus objetivos realiza os propósitos de sua empregadora, e passa a constituir a parcela de mão-de-obra disciplinada que não enjeita serviço sempre disposta a trabalhar o maior número de horas possível, acomodando-se, sem contudo assimilar as normas e os valores que regulam a produção industrial.

Evidência desse fato constituem as frequentes menções ao cativo, a falta de liberdade que o trabalho na agro-indústria representa, associadas a um sentido de privação da convivência familiar e das formas de lazer a que estão habituados.

7,3. A estrutura comparativa de referência e a manutenção do padrão migratório sazonal

Situados alguns aspectos da orientação para o intra-grupo resta esclarecer as avaliações de situação estabelecidas pelos grupos de trabalhadores sazonais "os queima-la-

tas", comparativamente à de grupos com os quais estão em relações sociais constantes, e com aqueles que ocupam posições diferentes.

Nas comparações estabelecidas com os grupos de trabalhadores naturais de São Paulo nas mesmas funções na Agro-Indústria, depreendeu-se que se sentem menos privados por não precisarem se submeter a disciplina imposta pelo trabalho assalariado o ano todo como estes últimos. Ressaltaram frequentemente o caráter das atividades que o indivíduo sem qualquer qualificação profissional tem que enfrentar trabalho na lavoura ou na construção civil. O fato das mesmas serem remuneradas com base no salário mínimo que não propicia condições do trabalhador prover sua subsistência e fazer frente as despesas requeridas pela vida urbana como aluguel, água, luz, etc.

Os migrantes que vieram e se fixaram, foram situados nas mesmas condições dos trabalhadores naturais de São Paulo, estabelecendo os informantes, uma diferenciação entre os que vieram há mais tempo e podem estar melhores, pois antes as fazendas ajustavam famílias concedendo-lhes moradia, e aqueles que vem atualmente, sem condições de regresso. Estes não tem uma profissão, obrigando-se a enfrentar despesas com "salário pequeno", idéia sempre presente em seu discurso, denotando a percepção que têm da insuficiência do salário, mormente quando o comparam ao da época da safra.

"Eu acho que nós estamos melhor do que os que ficam aqui, porque aqui o que eles faz gasta e lá o que leva prá Pahía ele compra uma vaca, compra uma cabrita e vai tocando a vida melhor, e os que ficam aqui num tem nada. E os que trabalham aqui vão e voltam tão melhor do que os que ficam aqui, não é apoiado isso pessoal? (Chefe de turma, 19 viagens). (O que vocês acham do pessoal que veio e ficou aqui em São Paulo?)

- Bom muitos eu acho que tá pior do que muitos que vem e voltam.

- Ah! tem bastante (companheiro complementando)
(Por que o Sr. acha que está pior?)

- Eu acho que o problema - muitos ficam, ganham pouco, o salário mínimo. A família vai aumentando, aluguel de casa, uma coisa e outra, chega no fim do mês é aquilo mesmo... e quem larga a família lá, pelo menos tem aonde morar, sempre dá prá comer qualquer coisa da roça, qualquer mantimento dá prá ir passando, com a ajuda do dinheiro daqui, não paga aluguel de nada, num é? (Migrante de Ipirá, 12 viagens e mais trabalho prévio em lavoura no Paraná).

Acerca da situação dos grupos que nunca saíram da região de origem estabelecem os informantes distinções entre aqueles que não tem necessidade de vir porque dispõem de

uma renda suficiente para assegurar sua subsistência sem precisar trabalhar "alugado", aqueles que não podem vir, por não disporem de recursos para as despesas iniciais e aqueles que estão proibidos de vir. Referem-se neste último caso aos agregados, que submetidos a autoridade dos fazendeiros que lhes concedem a terra em que moram e onde fazem suas pequenas roças de subsistência, podem perder essa concessão caso venham trabalhar em São Paulo.

"Eles (os fazendeiros) encrespam mesmo porque a pessoa sai prá vim trabalhar aqui, eles porque o problema deles é que eles querem que a pessoa fique a vida toda trabalhando prá eles alí, por micharia, né. Então quando sai prá vim trabalhar aqui eles acham que a pessoa enricou, então eles já num dão mais a terra prá trabalhar" (Migrante de Iaçú, 2 viagens).

(E o Sr. já foi agregado?)

Fui, porque eu nasci na fazenda, mas depois que eu casei eu vi que era triste, moro na rua sofrendo, mas morá em fazenda dos outros eu num vou porque num dá. (Migrante de Itaberaba, 12 viagens, uma vez permaneceu em S. Paulo por 3 anos)².

²Este foi o único caso de migrante com residência urbana na região de origem, que trabalha como assalariado. Os outros dois foram de trabalhadores autônomos (1 pedreiro e 1 vendedor ambulante). Segundo o relato do primeiro parece que os indivíduos que desejariam vir trabalhar em São Paulo, mas não dispõem de recursos para as despesas iniciais correspondem a ex-agregados que moram nas cidades.

Após esses esclarecimentos a respeito da vinda dos agregados, pode-se situar melhor a menção feita anteriormente pelos informantes à situação dos que vem sem condições de regresso, já considerada no ítem anterior, envolvendo as comparações estabelecidas com os migrantes que se fixaram em São Paulo. Seriam então os agregados os primeiros a serem expulsos daquelas áreas, à medida que as grandes propriedades expandissem as áreas ocupadas com pastagens ganhando nitidez a proposição feita por SINGER (1975, p.51) segundo a qual, se as migrações internas são consideradas como um processo social, as transformações econômicas que ocorrem nas áreas de origem atingem de forma diferenciada os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem, determinando os que devem sair primeiro.

A situação dos que não precisam^H trabalhar alu-^Agado motiva entre os entrevistados um sentido de maior privação relativa. A referência aos agregados e aos que não tem condição de vir, atenua tal sentimento, recambiando novamente às argumentações de independência que ainda podem desfrutar em um período do ano.

Interessante assinalar-se que uma das utilizações dos recursos conseguidos com o trabalho em São Paulo é o pagamento dos "plantadores", trabalhadores contratados especificamente para o plantio. "Dar um dia de serviço a um amigo" no sentido de remunerar o trabalho destes, é visto como

uma forma de colaboração e mesmo de redistribuição.

Quais os aspectos envolvidos nas avaliações de sua situação comparativamente a dos grupos que ocupam status sociais diferentes? A saber os grupos constituídos pelos grandes proprietários na região de origem e os formados pelos funcionários qualificados e direção das empresas em que trabalham na região de destino.

Em relação aos primeiros, a argumentação toda dos entrevistados gira em torno da ameaça que constituem os mesmos a sua própria sobrevivência como categoria de trabalhadores independentes, a qual se acentua principalmente quando, devido a instabilidade do clima perdem suas roças.

Ressaltam como o monopólio da terra pelos grandes proprietários não lhes deixa oportunidade de desenvolver suas atividades agrícolas nas terras mais apropriadas, conforme ilustra o trecho de uma entrevista em que três informantes passaram a dialogar entre si, ante uma pergunta inicial do pesquisador.

(E esses açudes, adiantam alguma coisa para as plantações que o pessoal faz?)

- Não adianta porque é tudo terra de rico e num vão dá pra gente fazer plantação.

- É tudo terra de rico, prá criar gado e prá pessoa fazer seu bom sítio lá, prá dia de domingo, ir prá lá com a família e ficar tomando cerveja. E nós fica lá.

- Agora onde dá boas plantações é no Rio Paraguaçu que é um rio doce, num é Oswaldo? Tudo que tem idéia de plantar dá, mas eles lá não interessa isso. Quem tem a terra num planta.

- É no correr do Rio Paraguaçu dá de tudo.

(E os pobres não tem terra perto do Rio Paraguaçu?)

- Bom, alguns tem. Lá prá aqueles lados num tem alguns que tem Oswaldo?

- Mas quando tem também num dá prá eles cercar.

É porque a situação dele é fraca, num dá prá ele fazer. Lá tomar o dinheiro emprestado do rico, ele diz que não pode emprestar, que ele não paga.

- Tem um fazendeiro lá que junto do rio ele cercou uma base assim dumas 4 léguas. O Sr. entende o que é légua num é? E aquela terra num era toda dele, porque era de pobre né... E os pobre, nem os agregado que era, ele queria dentro do mangueiro dele...(Migrante de Itaberaba, 4 viagens).

A impossibilidade do "pobre" cercar as terras acarreta ainda prejuízo de outra ordem, pois, ao estabelecerem suas plantações muitas vezes o gado do grande proprietário as invade. Ou então ao arrendarem uma gleba de terra são proibidos de plantar mamona, produto comercializável, porque é tóxico para o gado.

... a pessoa sacrifica prá fazê uma roça e plantar com o maior sacrifício, passa fome, tem vezes que chega a dormi lá no cuidado dos bichos mesmo. A pessoa planta com o maior sacrifício, começando a colheita os infeliz larga os cantos de comer, chega lá mete os peitos no arame pronto, entra prá dentro, come. No outro dia o dono vai chegar e tá lá, dois, três garrotes numa roça, então ele e o capataz mete o pé atrás do dono da roça, ou o nego corre, ou ele mata um.

Ante a surpresa do pesquisador e a pergunta, porque não se fazia o dono do gado pagar os prejuízos recorrendo-se as autoridades, o informante retrucou:

"O que que o pobre vai fazer diante do rico?

Se reclamar na polícia fala: vou tomar providências. A providência é esta, só no dizer que o pobre estava passando e o pobre precisa tomar cuidado prá não sair corrido da própria polícia" (risos).

As relações de dependência formalizadas no discurso do informante e sustentadas pelas autoridades zelosas da manutenção dos direitos da classe dominante, novamente aparecem nas tentativas que os migrantes fazem com vistas a obtenção de pequenas glebas em arrendamento nas terras dos grandes proprietários. Através da exploração destas visam "aumentar a capacidade produtiva limitada de crescer dentro de seus próprios estabelecimentos pelas dimensões exíguas destes" (SÁ, 1973, p.129). Expressa-se ainda a dependência na busca de dias de trabalho para suplementar mediante este a renda insuficiente auferida na propriedade, situando-se sempre o valor da diária abaixo dos níveis estabelecidos pelo salário mínimo. Muitos dos entrevistados não souberam informar a renda obtida no ano de 1973, limitando-se a estimá-la em espécie; as respostas a este item variaram entre Cr\$500,00 a Cr\$10.000,00 anuais, o que, se dividido pelos meses do ano e pelo número de pessoas que trabalhavam na propriedade não atingia sequer o salário mínimo (dados apêndice 2).

Competindo em total desigualdade com os grandes proprietários na região de origem, detentores de todos os privilégios que continuamente os expõem a mesma situação dos que vieram sem possibilidade de regresso, o migrante reforça sua opção pelo trabalho sazonal no Estado de São Paulo que se lhe afigura como a alternativa viável para não precisar "trabalhar alugado" na região de origem.

Assumindo uma situação definida de assalariado, enquanto servente de usina, o migrante se coloca ainda frente aos grupos integrados pelos empregados qualificados e a direção das usinas.

Comparando-se aos operários qualificados da usina (soldadores, serralheiros, etc.) ou ainda aos chefes de seção no setor de fabricação, percebe-se como a esperança subjetiva que leva o indivíduo a se excluir da competição por uma vaga efetiva na firma, está diretamente associada às oportunidades objetivas de êxito próprias a sua categoria, de modo que esta esperança subjetiva inclui-se entre os próprios mecanismos que contribuem para a realização das probabilidades objetivas (BORDIEU e PASSERON, 1975, p.164).

O caráter exaustivo das atividades desempenhadas pelo migrante, e a absorção total de seu tempo livre pelos afazeres ligados a sua manutenção ou ao repouso necessários, reafirmam cotidianamente o círculo em que se encerram as oportunidades objetivas de êxito próprias a essa categoria, impossibilitando qualquer expectativa de mobilidade.

Desta forma o migrante exclui sua possibilidade de permanência em São Paulo, também pela não disponibilidade de tempo que lhe possibilite "acompreender uma qualquer arte e voltar a ficar até aqui mesmo no Estado de São Paulo", definindo frequentemente sua situação conforme as seguintes

colocações de um dos informantes.

... "Eu trabalho no evaporador, evaporista, mais é profissão assim prá usina, não que seja uma profissão assim elétrica, num sou um soldador; isso não sou. Porque mesmo no meu documento num marca, marca servente de usina, né. Quer dizer que onde eles mandarem. Eu imediatamente agora trabalhava no evaporador, mas onde eles mandarem eu sou obrigado a ir, carregá pedra, carregar terra, servente de usina! (Migrante de Iaçú, 14 viagens).

A figura do patrão em São Paulo é ofuscada pela própria organização complexa da usina como unidade industrial, atribuindo os entrevistados o papel de "patrão" a seus superiores imediatos os chefes de seção, ou ainda a posição hierarquicamente superiores, denominadas genericamente de "a gerência". Esta sendo portanto, bastante diferente da identificação que fazem do patrão na região de origem, o qual personifica atitudes opressoras, conforme se relatou a respeito das represálias adotadas pelos fazendeiros quando seu gado invade as plantações de mamona dos pequenos proprietários.

As menções ao patrão em São Paulo acentuam que este "não deseja mal ao pobre", sempre lhe paga os direitos, referindo-se ao cumprimento da legislação trabalhista. Desta forma o próprio pagamento de seus direitos se lhes afigura como uma vantagem, e uma menor privação, quando situam comparati

vamente a situação de dependência vivenciada nas áreas de origem. Aí, os grandes proprietários definem baseados na superpopulação relativa (MARX, 1.968, p.745), os níveis salariais que julgam mais compatíveis a seus propósitos de acumulação, em flagrante inobservância aos dispositivos legais quanto a fixação de salários.

Outro aspecto ressaltado, a envolver considerações a respeito de diferenças entre as relações de trabalho em São Paulo e na Bahia, foi o da avaliação do indivíduo pelo seu desempenho no trabalho e não por informações prévias sobre o mesmo. Assim se um trabalhador se desentende em uma Usina pode ser admitido sem restrições em outras unidades da mesma Companhia, contrastando com o que ocorre na Bahia, onde, se o indivíduo "enguiça" em uma firma vê limitadas suas possibilidades de admissão em outras.

Como já se observou em ítem precedentes, os migrantes sazonais ao perseguir o objetivo de complementação de sua renda insuficiente, e vendo na atividade que a usina proporciona durante o período de fabricação de açúcar a forma mais rápida e eficiente de conseguí-los, realizam também os propósitos da mesma.

Esta idéia é bastante nítida em toda a explicação dada pelos mesmos às razões da preferência da usina em empregar baianos para a safra, evidenciando o acatamento às nor

mas de disciplina e assiduidade requeridas por aquela.

"... Acontece o seguinte a gente quando vem de lá geralmente temos necessidade de trabalhar. Então vamos supor, nós entramos na usina, então nós pensamos muita vez fazer bagunça ou responder mal pro chefe, muitas vezes perde dia, então perdeu o emprego. Se muitas vezes a gente perde o emprego já faz falta. O ano que vem se é da gente vim com ele (referindo-se ao chefe de turma da região de origem) que já é um emprego firme, já vem certo, tem que procurar em outras usinas, muitas vezes ganha menos, então por isso a gente segura o emprego, entende, a gente procura sempre trabalhar direitinho prá num dar o direto. (Migrante de Ipirá, 7 viagens).

"As usinas preferem os baianos, porque as vezes nós temos mais coragem de trabalhar, mais que o pessoal paulista (riso e aprovação dos demais). Pega mais pesado, prá onde mandar vai, vai e faz, já vi que o pessoal daqui é muito trabalhador, mas prá isso é mais mole. Põe eles numa sacaria, aí dois dias já abre o bico, num aguenta. E nós num dá assistência, dá logo o sangue, mas aguenta (Migrante de Livramento, 10 viagens).

"Os paulistas, alguns às vezes aguenta (o serviço) outros as vezes não, porque eles não gostam de perder o sono, trabalhar a noite, não gosta de pegar serviço muito pesado, um as vezes acha que aquele serviço não está de acor-

do. E nós não, não vem aqui afim de escolher o serviço porque é só prá 6 meses. Então se mandar pegar uma cobra aí de mão tem que pegar (risos).

- É enrola um pano e pega ela (companheiro complementando).

... Já o paulista num quer saber disso, ele fez as 8 horas dele, faz 12 na marra.

- 8 horas já deu prá mim ir prá casa e o baiano que vâ fazer hora prá mim lá, ficar lá perdendo minha hora de sono. Paulista gosta de dormir, já que deu 8 horas." (Migrante de Itaberaba, 8 viagens).

O fato do trabalho ser encarado pelo grupo como transitório, interessando-lhe apenas enquanto apresenta oportunidade de horas extras, única forma viável percebida pelos mesmos para aumentar seu salário, dada sua falta de qualificação profissional, surge também como explicação para essa preferência das usinas em empregar migrantes.

Com este recurso estas resolvem em parte o problema da dispensa da parcela de operários necessários apenas na época de moagem, tendo-se em vista que os migrantes representam em uma das unidades pesquisadas 76,7% dos admitidos para esse período.

Bom eu num sei dizer qual a origem da Usina preferir os baianos. Sei dizer que os usineiros, vejo o comentário, que eles num conversam comigo! (risos).

As vezes eles diziam pessoal de fora porque são safristas. Terminou a safra num perturba eles mais pro serviço, né. Terminou a safra já tá ...

- Louco prá ir embora (companheiro complementando a idéia).

- ... É com vontade de ir embora.

E as vezes já o paulista fica perseguindo - Me arruma um serviço na parada, minha situação, fico desempregado. Então muitos deles exige que só o que trabalha é pessoal de fora, porque é só safrista. Terminou...

Assim eu ouvi o comentário que comigo ninguém fala nada (Migrante de Ipirá, 17 viagens, permanência de 2 anos no Paranã, 14 safras em uma Usina).

O enquadramento de todas as atividades desempenhadas pelo migrante na categoria genérica de servente de usina, mesmo que ocupem funções específicas como no caso "evaporador" citado, é ressentida pelo grupo. Raramente ao falar de seu trabalho faz em alusão às mesmas situando a ênfase de sua argumentação no esforço físico dispendido. Sua afirma-

ção enquanto trabalhador industrial se faz então, mediatizada pelos valores grupais da superioridade do baiano em enfrentar os "serviços que o paulista não aguenta".

Esta "superioridade física do baiano", frequentemente, mencionada se por um lado pode ser vista como uma forma de afirmação do grupo, por outro evidencia a degeneração das condições de vida a que foram relegados os trabalhadores volantes, os bóia-frias, estrato em que a Usina recruta o restante da mão-de-obra não qualificada imprescindível para o período de fabricação. Outra forma de existência da mão-de-obra em que a empresa rural organizada em moldes capitalistas realiza seus objetivos de aumentar as taxas de acumulação³.

Ao nível do próprio grupo os argumentos explicativos das razões da preferência que a usina lhes dispensa, adquire mesmo uma conotação paradoxal quando consideram a imutabilidade da situação do paulista servente-de-usina, que sujeito a dura disciplina que lhe impõe sua condição de assalariado "safra e parada", se indisciplina ante a exigência de fazer mais quatro horas além das oito que considera seu horário normal de trabalho. Nestes momentos o próprio migrante assume a reivindicação do paulista pelas oito horas de trabalho, mas no momento seguinte retoma a diretriz de sua orien

³Para análise da situação do trabalhador volante vide (MELLO, M.C.I., 1975).

tação pelo intra-grupo, restabelecendo a prioridade de sua ocupação na região de origem.

"Bom com nós também que vem de lá se pudesse aquelas 8 horas deu, também a gente gostava. Mas acontece que a gente veio de lá prá ganhar um dinheiro, né? Então quer fazer mais horas. Eles aqui não, eles sabem que 8 horas às vezes dá certo, então prá que trabalhar mais de 8 horas (Migrante de Itaberaba, 6 viagens).

Esta orientação diretriz os leva também a elucidar aspectos que são sentidos patenteando a forma conflitiva como veêm sua sujeição ao trabalho industrial. Aspectos sentidos, mas não assumidos com o caráter de reivindicação direta frente a direção das usinas, porque os migrantes aspiram reter esta situação que ainda se lhes afigura a menos privacional comparativamente a de outros grupos com suas mesmas possibilidades objetivas como se depreende dos textos seguintes.

"... Agora mesmo nós tem um salário até bom, chega aí uns 800 contos, um milhão por mês, nós trabalha 12 horas todo dia, todo dia 12 horas sem faltar um minuto e domingo nós trabalha 24 horas, começa domingo as seis, larga 2a. feira de manhã cedo às 6 horas, nós trabalhamos quase 2 meses ni um prá tirar esse ordenado (Migrante de Livramento, 10 viagens).

... Não é uma, 14 safras que fiz na Usina com honestidade, mais nunca tive preferência nenhuma dada pela Usina, nenhum aumento de salário dado pela Usina, ganhei aquilo que o governo decretou, mais pelo reconhecimento de meus patrão até hoje nunca me ofertaram nada, nem um cruzeiros a mais do que os outros e lá na Usina eu faço bastante coisa mesmo, mais eles nunca me deram preferência nem de um cruzeiro a mais do que os outros (Migrante de Iaçú, 14 viagens).

(Pesquisador: Em que parte o Sr. trabalha?)

Na esteira.

E o Raimundo?

Trabalho em turbina.

Este já é mais pesado é a boca mais quente (companheiro esclarecendo).

Este aqui trabalha num serviço que merece ganhá até mais do que nós, o patrão tendo consciência, porque é onde faz a produção é, ele, que faz o açúcar, aquele açúcar branco que sai é ele quem trabalha na turbina de primeira, onde fabrica o açúcar branco por isso que o trabalho dele merece, e eu reconheço ganhá mais do que eu. Porque ele trabalha num serviço que tem quentura, as vezes fica em pé. E o meu não, as vezes quando canso de ficar sentado eu fico de pé, quando

canso de ficar em pé eu sento (Migrante de Livramento, 10 viagens).

E o João?

Ai meu Deus!

Esse aí também merece ganhá mais. Sabe o que é um homem pegá enfrentar uma boca 12 horas pegando 60 quilos? Aí, quem reconhece paga mais.

João: Sabe quantos foi hoje? 9.100 sacos, a boca esquentou. Carregamos 32 caminhões, inclusive teve mais de 10 carretas de 500 sacos. Hoje num foi fácil. E amanhã cedo é só caminhão encostando outra vez (Migrante de Itaberaba, 5 viagens).

O tempo de trabalho em uma usina e o não reconhecimento dos patrões nivelando os salários de todos, o grande número de horas extras que lhes são impostas para perfaizer o ordenado considerado "até bom", o enquadramento indistinto de todas as atividades desempenhadas pelos migrantes na categoria de servente de usina, constituem ao nível da organização interna destas, as formas por intermédio das quais a empresa realiza os seus propósitos de maximização dos lucros através da redução do capital variável.

Com base nas avaliações formuladas pelos migran

tes acerca de sua situação a partir dessa estrutura de referência, constituída pelos grupos mencionados, pode-se concluir da percepção apresentada pelos mesmos acerca das baixas taxas de mobilidade vigentes na sociedade, tanto nas regiões de origem quanto nas de destino. Traduzem-se estas em definições subjetivas da situação de alguém que reage em função de sua posição relativa a outros grupos. Estas definições subjetivas de situação em sociedades com baixas taxas de mobilidade levam a um fortalecimento de integração grupal, originando-se ao nível de intra-grupos, visões mais compatíveis com a realidade e pode-se dizer também, uma percepção mais acurada do próprio caráter das relações sociais subjacentes ao processo de produção.

Os integrantes do grupo em análise, organizados como intra-grupo procuram manter as situações que se lhes afiguram menos privacionais comparativamente a dos grupos, com os quais estão em relações sociais constantes. E estas situações menos privacionais podem ser identificadas com a manutenção de processos migratório sazonal⁴.

Neste esquema relacional possibilitado a partir de sua inserção temporária na estrutura produtiva da usina, o migrante reafirma sua condição de menor privação relati

⁴ *Considerações estabelecidas a partir de colocações de MERTON citadas no capítulo 2.*

va na região de origem, e os objetivos do intra-grupo, vislumbrando o retorno sob a perspectiva da liberdade que o trabalho por conta própria ou a não necessidade de trabalhar alugado proporcionam.

Esta perspectiva de retorno se traduz então para o grupo como a própria negação de sua condição de assalariado na Usina vista como "cativeiro".

"Em que consiste a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado (MARX, transcrito por FROMM, 1970, p.93).

A menção de cativeiro, frequentemente associada ao trabalho na Usina adquire clareza a luz do conceito de trabalho alienado no sentido deste ser cativeiro, porque rouba aos indivíduos mediante a extensão da jornada de trabalho, todo tempo livre em que possam no dizer deles próprios "acomprender uma qualquer arte" (profissão), que os emancipe de trabalho sazonal. Cativeiro também, porque lhes exaure preme

turamente a tão decantada capacidade física para o trabalho, mediante o qual asseguram o equilíbrio precário de manutenção de suas condições de vida na região de origem. Cativoiro ainda porque limita a expressão de valores próprios ao grupo, tal como a hospitalidade.

" ... lá na Bahia é assim né, às vezes se o Sr. tem um sítio, eu falo assim, vou faltar um dia, vou bater um papo com um amigo aí, eu posso dar assistência ao Sr., o Sr. não liga. As vezes chega meu pai (situação em São Paulo agora) eu falo pro meu pai: meu pai amanhã eu tenho que levantar às 4 horas. O Sr. fica por aí, de tarde quando eu chego vamos bater um papo. E lá no Estado da Bahia, não tem disso, a hora que um amigo chegar na casa dele chegou, porque ele trabalha por conta dele. Agora nós que trabalha aqui que trabalha de empregado e eu tenho que cumprir meu dever, chega meu pai ou meu irmão eu digo: olha fulano você pode ficar aí que eu tenho que trabalhar, não é isso mesmo? E lá no Estado da Bahia num tem nada disso, o Sr. toca as veis negócio ou as veis lavoura, se cismar aí de ficar a tarde todinha batendo papo ou senão ir dar uma pescada, o Sr. não tem prá quem dar satisfa! E eu e outro talvez, qualquer lugar que nós trabalha de empregado, empregado não pode dar o direito dele com o do patrão, não é isso mesmo? Tem que cumprir com suas ordens de trabalho. É o que eu falo é sobre esse assunto aí^H (Migrante de Livramento, 10 viagens).

Esta hospitalidade se transfere assim, da atenção à possibilidade que o indivíduo tem de alimentar o amigo que procura sua companhia, possível na Bahia, nas condições em que pode recriar os recursos gastos, mas impraticável em São Paulo, onde vivendo do salário e parte deste sendo gasto nestas despesas não vai ser suficiente para assegurar sua própria manutenção, pois no fim do mês o "salário é aquele mesmo".

A liberdade tantas vezes citada, assume nestas situações um sentido identificável ante a possibilidade que o retorno apresenta ao migrante de recuperar sua existência social, deixando de ser temporariamente o "queima-lata fazedor de horas", escapando assim a disciplina de um horário de trabalho que lhe é imposto; de cultivar um pedaço de terra em que vá "fazer prá si"; conviver com o grupo familiar, e participar livremente das formas de associatividade, as chamadas festas, onde a simples menção a seu nome como "Pedro de Firmino" supera o anonimato de sua condição em São Paulo.

" A liberdade é muito fácil. A liberdade é o seguinte, aqui nós trabalhamos, o funcionário é obrigado a trabalhar todos os dias né, tem que trabalhar das 6 às 6, num tem domingo, num tem feriado é direto. A safra da Usina é direto, o cara num tem direito nem a domingo nem feriado. Então lá a gente já tem mais um direito, já tem mais liberdade. Chega um sábado, tem um baile, uma festinha, então nós vamos na

festinha, nós num tem pressa de voltar, meia-noite! pode amanhecer o dia. Sabe que o outro dia é livre, nós trabalhamos por conta própria, entendem então num tem problema nós amanhecer o dia, o outro dia nós vai dormir tranquilo, vai sábado, passa domingo tranquilo, de 2a. feira começa a trabalhar" (Migrante de Iaçú, 7 viagens).

A integração em torno desses valores grupais expressa no próprio fato do indivíduo se perceber como um integrante da "nação baiana", minimiza também a influência que os meios de comunicação, a difundir valores da cultura urbana, exercem sobre os mesmos. Daí a seleção que fazem dos programas radiofônicos, notabilizando-se pela audiência aos programas apresentados por nordestinos que evocam situações da região de origem ou transmitem músicas típicas das mesmas.

Esta visão de grupo ligado ao trabalho agrícola na região de origem, mas ressentindo a falta de oportunidades de aí manter sua subsistência, orienta a preocupação dos informantes no sentido de explicar sua saída apenas pela busca de chances de emprego, sem no entanto estarem rebaixando (menosprezando) seu estado natal. A industrialização de São Paulo é apresentada em seu linguajar simples mas expressivo, como um resultado de iniciativa assumidas por um governo que "olhou mais por São Paulo do que pela Bahia". A superação do próprio processo migratório é por sua vez colocada no âmbito de decisões do Governo, agente supremo que pode resolver seus

problemas através de medidas que tragam indústrias para suas regiões, resolvam a situação do monopólio da Terra, ou ainda façam as usinas reduzir sua jornada de trabalho.

- Prá evitar a metade dos baianos vir prá aqui tem que as Usinas tudo, pôr 8 horas e bastante govêrno.

(O companheiro complementando). Ou então o governo tem que pôr boas indústrias em Itaberaba, abri a mão dos que tem terra prá você trabalhar a vontade. Se o rico tem a terra, o lugar bom, o lugar de plantar, eles planta capim, aquele lugar tá lascado, quem vai plantar, vai viver de que? Deixe o governo na mão deles não, tem que soltar a terra prá trabalhar, prá lavoura. Eu quero ver se vem todo mundo prá cá como vem?

A inserção de indivíduos no processo migratório sazonal não deve ser vista apenas como uma opção do trabalhador, mas uma opção condicionada em primeira instância por fatores de ordem estrutural limitante a sua absorção e permanência, tanto na região de origem como na de destino e a nível individual pela idade e condições físicas do mesmo.

Desta forma se esclarece a menção frequente dos migrantes mais idosos aos motivos de sua vinda sempre referidos como "a ilusão de São Paulo", eludindo nesta justificativa o entendimento da iminente ruptura do já citado, precário

equilíbrio que o trabalho sazonal propicia à manutenção da pequena propriedade na região de origem. Justamente porque o trabalhador "não deu assistência, deu logo o sangue na Usina" se vê excluído do processo. Quando não aceita esta exclusão de imediato é o perambular pelas usinas a procura de emprego até que a permanência tão sonhada se faz mediante uma viagem sem retorno e o envio de seus filhos em idade produtiva a reproduzir assim a força de trabalho sempre apta que a usina necessita para funcionar no ritmo intenso de sua atividade sazonal.

Outras opções consistem em permanecer na região de origem e andar "a caça de um dia de trabalho nas grandes propriedades", ou então na migração definitiva para São Paulo, neste caso se enquadra o próprio informante que alegoricamente comparou os movimentos migratórios sazonais "a formiga no carreiro", quando então o "queima-lata" se transforma no bóia-fria.

8. CONCLUSÕES

O presente estudo, situando as atividades exercidas por migrantes sazonais em Usinas Açucareiras Paulistas, constatou a importância da participação da mão-de-obra originária das regiões denominadas "estagnadas", no processo de desenvolvimento industrial de São Paulo. Recoloca o problema da estagnação dessas áreas, mediante a evidência de que o setor industrial se expande em algumas regiões do país, apoiando na persistência de um setor organizado em bases pré-capitalistas.

O trabalho sazonal dos "queima-latas" pode ser visto de uma dupla perspectiva. Para eles representa a forma mais rápida de conseguir recursos para suplementar a renda insuficiente auferida na região de origem, e sua própria manutenção na categoria de trabalhadores independentes. Para as Usinas, a garantia de uma parcela de mão-de-obra em disponibilidade que enfrente a extensão e intensidade de ritmo do trabalho que impõem aos trabalhadores durante a moagem. A con-

tratação de migrantes representa para estas a forma de extrair trabalho suplementar em que maximizam suas taxas de mais valia, apoiando-se nas próprias motivações dos grupos.

A utilização da Teoria de Grupos de Referência foi muito adequada para explicitar como se traduzem a nível individual e grupal as dificuldades de absorção e permanência encontradas tanto nas regiões de origem quanto nas de destino. Evidenciou que a avaliação comparativa de situação em relação a outros grupos, com os quais está em relações sociais constantes em virtude de sua inserção alternada em dois tipos de estruturas produtivas distintas, reafirma para o trabalhador "queima-lata" o sentido de menor privação, dirigindo suas decisões para manter o padrão migratória sazonal.

A Teoria de Grupos de Referência possibilitou ainda demonstrar como a visualização das baixas taxas de mobilidade existentes na sociedade tende a enfatizar a orientação para o intra-grupo, ressaltando no caso estudado o sentimento de pertinência à "nação baiana".

O papel da integração grupal pôde ser também avaliado por fornecer respostas adaptativas aos "queima-latas", frente as solicitações da cultura urbana. Desta forma concluiu-se que os mesmos acatam traços impostos, tais como o novo ritmo que a atividade industrial lhes impõe, entretanto rejeitam os propostos, entre os quais a individualização do tra

balho. A esta opção a solidariedade baseada na ajuda mútua, tanto para a execução das tarefas que lhe são pertinentes nas Usinas, como na divisão do trabalho que se verifica na região de origem, onde amigos e parentes auxiliam os familiares do migrante na consecução do trabalho agrícola. Estas relações de solidariedade reafirmam junto aos mesmos a possibilidade de afastar, pelo menos temporariamente, a passagem à vida urbana.

A integração grupal e a constante referência aos valores de seu grupo situaram ainda a definição de "cativo", estabelecida pelo "queima-lata", quanto a sua condição de trabalhador assalariado em São Paulo, em oposição a liberdade que desfruta na Bahia, onde trabalha por conta própria.

As formas de superação de sua inserção em movimentos migratórios encontram-se estreitamente vinculadas a reivindicações pela posse da terra, e a possibilidade de poderem desenvolver suas atividades agrícolas. Entretanto, percebem-nas limitadas pelo monopólio da terra em mãos dos grandes proprietários. Outra alternativa considerada pelo grupo é a instalação de indústrias que lhes proporcionem oportunidades de trabalho na região de origem.

A saída migratória definitiva só é reforçada por atitudes psico-sociais resultantes da experiência prévia

em áreas urbanas ou da maior exposição aos meios de comunicação de massa, quando as condições estruturais produtivas vigentes não possibilitam ao trabalhador agrário realizar suas aspirações materiais e sociais.

Concluindo, a Teoria dos Grupos de Referência foi muito útil para compreender e explicar os movimentos migratórios sazonais estudados. Permitiu situar ao nível do intra-grupo, o entendimento das condições da Estrutura Social que determinam a formação e manutenção do Padrão Migratório Sazonal, e a persistência de idéias, crenças e valores que internalizados orientam os indivíduos ao retorno.

9. SUMMARY

This study identified seasonal migrations patterns in the State of São Paulo. The sugar mills in the State hire workers migrants specifically for the harvest season to carry out activities related to the sugar production. The study focused on the insertion of such workers in different productive structures: in the small farm at their region of origin and in the sugar mill at their region of destination. The study focused also the supplementary work character that the workers attribute to the latter activity.

The study also attempted to show the social structure conditions which bring about and contribute to forming and maintaining these population movements, and also the group organization that group members created in their search for employment opportunities in São Paulo.

Utilizing the Reference Group Theory, the study

showed how the factors that limit migrant absorption and settlement in their regions of origin as well as in regions of destination are perceived and interpreted, at both the individual and group level.

The cohesion and the sense of "belonging" to the "nação baiana" that these groups show have caused their differentiated characterization among the sugar mill workers. The name "queima-lata" is generally used to identify the seasonal migrant.

Living in a productive structure that is unable of fulfilling their needs, motivates the "queima-latas" groups to accept the extension of the working hours and the intensive rhythm that the sugar mills imposes on the workers during the harvest season. The employment that the sugar mills provide is considered by these workers (migrants) as the fastest and most feasible way of obtaining the resources needed to maintain their independent worker status, without having to work for wages all the time in the region of origin.

Data on these migratory movements were collected in a survey of three sugar mills located in Campinas and Ribeirão Preto regions. The data give evidence to existence of groups that have created a seasonal migration pattern. The members of these groups are all males, and come

specially from the counties of Itaberaba, Iaçú, Ipirá and Livramento do Brumado in the State of Bahia. These counties were characterized according to their physical aspects, agrarian structure and predominant labor relations.

The data relating to the seasonal migrant population at the three sugar mills were obtained through questionnaires and recorded interviews.

10. LITERATURA CITADA

ABEL, T., 1972. Os Fundamentos da Teoria Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 201p.

ANDRADE, M.C. de, 1973. A Terra e o Homem no Nordeste. São Paulo, Ed. Brasiliense, 251p.

ANDRADE, M.C. de, 1970. Nordeste, Espaço e Tempo. Petrópolis, Ed. Vozes, 182p.

ARGUELLO, O., 1974. Modernization de la Estructura Agraria y Migraciones Rural Urbanas, Programa de Actividades Conjuntas Elas Celade - Proelce, Santiago de Chile, 113p.

BORDIEU, P. e PASSERON, J.C., 1975. A Reprodução. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.

BORGES, T.P.A., 1955. Migrações Internas no Brasil. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Política Agrária, 42p.

- BOSCO, S.H. e JORDÃO NETTO, A., 1967. Migrações. São Paulo, Departamento de Imigração e Colonização, 240p.
- CANDIDO, A., 1971. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 284p.
- DAHRENDORF, R., 1974. Ensaio de Teoria da Sociedade. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 335p.
- FROMM, E., 1970. Conceito Marxista do Homem. Rio de Janeiro, Zahar, 222p.
- GERMANI, G., 1971. Sociologia de la Modernization. Buenos Aires, Ed. Paidós, 225p.
- GONZALES, E.N. e BASTOS, M.I., 1975. O Trabalho Volante na Agricultura Brasileira. Curitiba, XIII Reunião da Sociedade Brasileira de Economia Rural, 34p.
- GOODE, W.J. e HATT, P.K., 1972. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo, Ed. Nacional, 488p.
- GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 1974. Análise Global da Economia Baiana. Diagnóstico, Salvador, Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, CPE, 76lp.

- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1971. Diagnóstico - 6a. Região Administrativa. São Paulo.
- IANNI, O., 1973. Relações de Produção e Proletariado Rural. In: SMERECANYI, T. e QUEDA, O. Vida Rural e Mudança Social, São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 184/198.
- LEITE LOPES, J.S., 1975. O Vapor do Diabo, o Trabalho dos Operários do Açúcar, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 220p.
- LEVY, H., 1973. Seasonal Migrations in Brazil's Northeast: The Case of Pernambuco. Madison, University of Wisconsin, 136p. (Tese de Mestrado).
- LOPES, J.R.B., 1972. Desenvolvimento e Mudança Social. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 213p.
- LOPES, J.R.B., 1971. Sociedade Industrial no Brasil. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 186p.
- LOPES, J.R.B., 1973. Migration and Development: Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 23p.
- MADGE, J., 1968. The Origins of Scientific Sociology. New York, The Free Press.

- MARX, K., 1968. O Capital, São Paulo. Ed. Civilização Brasileira, vol. 2, p.583-924.
- MELLO, M.C. de I. e, 1975. O "Boia-Fria", Acumulação e Miséria. Petrópolis, Ed. Vozes, 154p.
- MERTON, R.K., 1970. Sociologia, Teoria e Estrutura. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 758p.
- MOLINA, M.I.G., 1970. Migração Rural-Rural - Análise Sociológica da Migração dos Parceleiros do Projeto Iguatemi. Piracicaba, ESALQ/USP, 188p. (Tese Doutorado).
- MUNÓZ, H. e OLIVEIRA, O. de, 1972. Migraciones Internas en América Latina: exposicion e crítica de algunos análisis in Migración y Desarrollo. Buenos Aires, Conselho Latinoamericano de Ciências Sociales, 5-31p.
- OLIVEIRA, O. de e STERN, C., 1972. Notas acerca de la teoria de las Migraciones Internas, Aspectos Sociológicos, in Migración y Desarrollo. Buenos Aires, Conselho Latinoamericano de Ciências Sociales, 32-44p.
- QUEDA, O., 1972. A Intervenção do Estado e a Agro-Industria Açucareira Paulista. Piracicaba, ESALQ/USP, 171p. (Tese Doutorado).

SÁ, F., 1973. O desenvolvimento da agricultura nordestina e a função das atividades de subsistência, in Estudos CEBRAP 3. São Paulo, 87-147p.

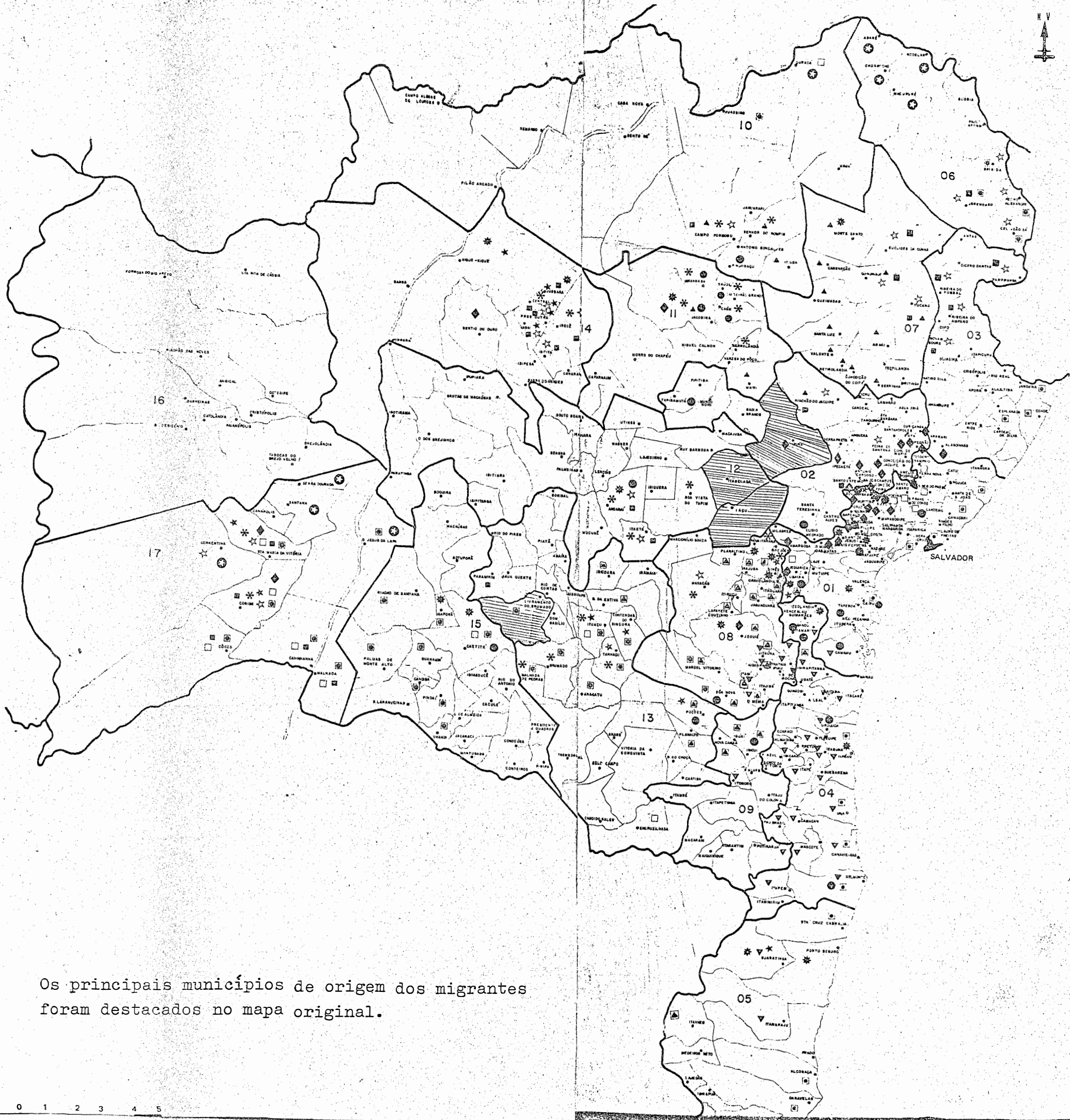
SÃO PAULO, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola, 1972. Desenvolvimento da Agricultura Paulista, 319p.

SINGER, P.I., 1975. Economia Política da Urbanização. São Paulo, Edições CEBRAP, 152p.

SMITH, T.L., 1967. Brasil, Povo e Instituições. Rio de Janeiro, USAID, 687p.

APÊNDICE 1

Mapa situando os principais municípios de origem
dos migrantes



MAPA M2-1
 PRODUÇÃO VEGETAL - PRINCIPAIS CULTURAS
 MUNICÍPIOS COM PRODUÇÃO IGUAL OU SUPERIOR
 A 1% DA PRODUÇÃO ESTADUAL
 BAHIA
 MÉDIA 1970/72

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - SEPLANTEC
 FUNDAÇÃO DE PLANEJAMENTO - CPE
 ANÁLISE GLOBAL DA ECONOMIA BAIANA

CONVENÇÕES

- CACAU
- MANDIOCA
- AIPIM
- FEIJÃO
- MAMONA
- CANA-DE-AÇÚCAR
- MILHO
- SISAL
- ALGODÃO HERBÁCEO
- ALGODÃO ARBÓREO
- FUMO
- COCO-DA-BAHIA
- BANANA
- CAFÉ

Os principais municípios de origem dos migrantes foram destacados no mapa original.

APÊNDICE 2 - Questionário

QUESTIONÁRIO

1. DADOS SOBRE IDENTIFICAÇÃO

Nome: Idade:

Procedência:- Cidade: Estado:

Zona:- Rural

Urbana

2. É proprietário? Sim Não

3. Dados sobre a propriedade

Tamanho: Tarefas Alqueires

Tipo de produção: Para consumo:
.....

Para comércio:.....
.....

Para quem vende a produção?

Renda média anual:

Quantas pessoas trabalham na propriedade?

Emprega trabalhadores de fora? Quantos?

4. Não sendo proprietário:

Em que trabalha no lugar de origem?

Sendo na zona rural, qual o tipo de relação de trabalho?
.....

Qual o salário?

5. Dados sobre a família:

Pai:.....

Profissão: Local nascimento:

Mãe:..... Local nascimento:

Trabalha: Onde?

Número de irmãos:

Tem irmãos migrantes? Sim Não

Quantos? Para onde?

Migração sazonal? Sim Não

6. Estado civil: Solteiro Casado

Idade da esposa: Local nascimento:

Onde ficou?

Trabalha? Sim Não

Tipo de trabalho:

Nº de filhos

Idade dos filhos:

7. Grau de escolaridade

Alfabetizados: Sim Não

Como aprendeu?

Até que ano?

APÊNDICE 3

Dados sobre a propriedade na
região de origem dos migrantes

RENDA ANUAL E Nº DE PESSOAS QUE TRABALHAM NA PROPRIEDADE

Renda anual em Cr\$	500		1.000		2.000		3.000		4.000		5.000		6.000		7.000		NÃO SABE	TOTAL	
	a	1.000	a	2.000	a	3.000	a	4.000	a	5.000	a	6.000	a	7.000	a	10.000			
Nº de pessoas que trabalham na propriedade	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7	
1 - - - 4																			
4 - - - 6																			
6 - - - 8																			
8 - - - 10																			
10 - - - 12																			
12																			
NÃO DECLARADO																			
TOTAL	5	3	5	5	4	4	3	3	2	2	3	3	1	1	13	39			

ÁREA DA PROPRIEDADE É NÚMERO DE PESSOAS QUE TRABALHAM NA PROPRIEDADE

Nº de pessoas que trab. na propriedade Área da Propriedade	1	2	3	4	4	6	6	8	8	10	10	10	12	≥ 12	Não de- clarado	TOTAL
0 - - - 10	3		1	1				1							2	7
10 - - - 20	2		5	5					1						1	9
20 - - - 50	1		5	5			2		1				1		2	14
50 - - - 100	2		3												1	6
100 - - - 200															1	1
200 - - - 300													1			1
300 - - - 500															1	1
TOTAL	8		14	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8	39

RENDA ANUAL E ÁREA DA PROPRIEDADE

Renda anual em Cr\$	500		1.000		2.000		3.000		4.000		5.000		6.000		7.000		NÃO		TOTAL	
	a	1.000	a	2.000	a	3.000	a	4.000	a	5.000	a	6.000	a	7.000	a	10.000	SABE			
Nº de pessoas que trabalham na propriedade	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	7	
0 - - - 10																			3	9
10 - - - 20																			4	14
20 - - - 50																			1	6
50 - - - 100																			1	1
100 - - - 200																			1	1
200 - - - 300																			1	1
300 - - - 500																			1	1
TOTAL	5	3	5	4	3	2	3	3	3	2	3	3	3	1	13	39				